

CARTAS

■ JOSEMARIA ESCRIVÁ DE BALAGUER ■

ALGUNS TRAÇOS DO ESPÍRITO DO OPUS DEI

*Cré'ce-te ante los obita'cuel
gracia de Dios no te
lter! Inter medium mo
or transibunt aqua — p
través de los montes!
i qué' importa que de
de recordar tu ac
elle q*

CARTAS

■ JOSEMARIA ESCRIVÁ DE BALAGUER ■

ALGUNS TRAÇOS DO ESPÍRITO DO OPUS DEI

*Crê'ceste ante los obitá'cul
gracia de dñs no te r
lter! Inter medium mo
transmibunt aqua — p
través de los montes!
i'que' i'importa que de
de recordar tu ac
elle q*

Josemaría Escrivá de Balaguer

Edição preparada por Luis Cano

Alguns traços do espírito do Opus Dei

Carta 6
(Volume de Cartas II)

© 2023 by Scriptor S.A.

© 2023 by Fundação Studium

ÍNDICE

Sobre esta edição

Principais ideias desta carta

Carta

O chamamento a colaborar com Cristo

Alegria no sacrifício

Filiação divina

Luz do mundo, no meio do mundo

União com Cristo mediador

O trabalho, realidade da vida secular e meio de santidade

Contemplativos no meio do mundo

Esperança e confiança em Deus: alegria

Desejos de santidade no mundo

Vocação de todos à santidade

Amor, fonte de luz

A ação do Espírito Santo

Sede de almas

O chamamento à Obra é para todos os fiéis

Liberdade para responder à chamada divina

O nosso apostolado é uma grande catequese

Luz cristã

Naturalidade e humildade pessoal e coletiva

Promover a paz e a unidade

O nosso espírito leva-nos a respeitar todas as pessoas

A amizade instaura um clima de confiança

Da vida da Obra nascerá o caminho jurídico

Glossário

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Nesta publicação apresentamos uma carta de São Josemaria sobre diversos aspetos da vocação e da missão da Obra, com especial incidência na secularidade. Tem data de 11 de março de 1940.

Esta carta foi publicada em 2021, com o n. 6, no livro *Cartas II*, das Edições Rialp. São Josemaria não deu título a estas cartas; o título que aparece nesta edição é o que lhe foi dado pelos autores da edição crítica.

Este documento faz parte de um género literário particular de São Josemaria. Não é um tratado: o seu estilo é mais semelhante ao de uma conversa familiar que o fundador mantém com os membros do Opus Dei de todos os tempos. O tom é semelhante ao que usava nas suas tertúlias com pessoas da Obra, nas quais transmitia oralmente o espírito, a história e as tradições da Obra.

[**Voltar ao índice**](#)

PRINCIPAIS IDEIAS DESTA CARTA

Trata de vários aspetos do espírito do Opus Dei, que o fundador exorta a viver bem, e que quer apresentar na sua simplicidade genuína. Daí as palavras *Sincerus est* que quis usar como *incipit* latino.

Como acontece em várias das suas cartas, São Josemaria passa de um tema para outro sem seguir um esquema rígido, voltando de vez em quando a algo já tratado, em “aparente desordem”, como explica noutra carta deste volume.

No entanto, há um fio condutor. O seu propósito é mostrar o que é específico do espírito que difunde, o enraizamento desse espírito no Evangelho e a sua semelhança com a vida dos primeiros cristãos, para clarificar depois, como consequência, as suas diferenças em relação a outras vocações e caminhos existentes na Igreja. O autor recalca, sobretudo, a secularidade da entrega no Opus Dei e outras características, que são, em parte, comuns a todas as modalidades de entrega cristã e, em parte, próprias, pelo modo peculiar como são vividas na Obra por ele fundada.

Assim, por exemplo, se a consciência da própria filiação divina é essencial para todos os cristãos, São Josemaria sublinhá-la-á ainda mais, como fundamento da vida espiritual no Opus Dei (n. 2). Também se pode dizer que a missão da Obra é a mesma que a da Igreja, na medida em que procura restaurar o mundo em Cristo (n. 2), iluminando os homens com a luz de Deus (n. 3), mas, no caso do Opus Dei, essa missão concentra-se de forma especial nas ocupações seculares (n. 9).

Os membros do Opus Dei não são diferentes dos outros cristãos comuns (n. 9-10), e têm a preocupação de colocar Cristo no cume das atividades humanas (n. 12), prestando especial atenção ao trabalho, que se torna um modo de santificação (n. 13), e praticando um apostolado de pessoa a pessoa, num clima de amizade e compreensão (n. 14, 54-55, 64-69, 70-72). Tudo isto é apoiado numa vida contemplativa que conduz à “unidade de vida” (n. 14-16) – à coerência –, e temperado por um espírito de liberdade característico (n. 37).

São Josemaria fala em vários momentos das contradições e dificuldades que o Opus Dei encontrou no seu caminho por parte de quem não entendeu o que o fundador considera ser um espírito simples e claro (n. 17-20, 43-45). Rejeita, sobretudo, a acusação de secretismo (n. 56-60).

O pano de fundo da sua exposição é o horizonte da identificação com Cristo (n. 11) e o apelo a levar o Evangelho a toda a humanidade. Para o autor, esta tarefa evangelizadora realiza-se através de uma amizade cheia de compreensão, fomentando a unidade com todos os homens e praticando uma transigência tolerante com as pessoas (n. 54-55, 64-69, 70-71). Tudo isto deve ser presidido pelo bom exemplo (n. 51-53) e completado por uma exposição da doutrina cristã que procure adaptar-se à mentalidade dos que escutam (n. 47-48).

Outras virtudes ou características que São Josemaria menciona como sendo especialmente caras ao Opus Dei são a humildade (n. 4), a unidade no fundamental e a diversidade no opinável (n. 27), a pobreza (n. 28), a alegria, a gratidão a Deus (n. 29) e a sinceridade (n. 61). Há também várias referências à necessidade de adaptar o espírito que está a expor a uma fórmula jurídica que reflita adequadamente a sua idiossincrasia (n. 173-175).

CARTA

[Sobre os traços característicos da chamada ao Opus Dei e da sua missão evangelizadora ao serviço da Igreja, também designada pelo incipit Sincerus est; tem data de 11 de março de 1940 e foi enviada a 22 de novembro de 1966, embora haja notícia de que já tinha sido impressa em fevereiro de 1963].

1 O espírito do Opus Dei é simples, franco e genuíno. Baseia-se na Sagrada Escritura, inspirada por Deus, que é infinitamente simples e que diz de Si mesmo que é o Deus verdadeiro¹, que é veraz², que é a própria Verdade³.

Sobre este nosso espírito, claro e leal, gostaria de vos recordar hoje alguns pontos, comentar algumas das suas características. Porque o Senhor, minhas filhas e meus filhos, ao suscitar em mim o vivo desejo de me dirigir frequentemente a vós, faz-me compreender muito bem aquelas belas palavras que o apóstolo Paulo dirigiu aos gálatas: «*Filioli mei, quos iterum parturio donec formetur Christus in vobis*»⁴, meus filhos, por quem sinto outra vez dores de parto, até que Cristo se forme entre vós.

Oxalá possais meditar e viver fielmente tudo o que vos escrevo, para que se diga de vós o que também se dizia dos primeiros cristãos: «Todos eles, de facto, aprenderam o que deviam fazer; e não só o aprenderam, mas eram zelosos em praticá-lo; e não só nas cidades e no meio das praças, mas também no cimo dos montes»⁵, em toda a parte.

2 É um espírito, o da Obra, que nos leva a sentir muito profundamente a filiação divina: «*Carissimi, nunc filii Dei sumus*»⁶, caríssimos, agora já somos filhos de Deus. Verdade gozosa que fundamenta toda a nossa vida espiritual, que enche de esperança a nossa luta interior e as nossas tarefas apostólicas; que nos ensina a conhecer, a tratar e a amar o nosso Pai Deus com a simplicidade confiante das crianças. Além disso, precisamente porque somos filhos de Deus, esta realidade leva-nos também a contemplar, com amor e admiração, todas as coisas que saíram das mãos de Deus Pai Criador.

O mundo, meus filhos, todas as criaturas do Senhor são boas. A Sagrada Escritura ensina-nos que, concluída a obra maravilhosa da criação, terminados o céu e a terra, com o seu esplêndido conjunto de seres⁷, Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa⁸.

Foi o pecado de Adão que quebrou esta harmonia divina da criação. Mas Deus Pai, quando chegou a plenitude dos tempos, enviou ao mundo o seu Filho unigénito para restabelecer esta paz, a fim de que, redimindo o homem do pecado, «*adoptionem filiorum reciperemus*»⁹, fôssemos constituídos filhos de Deus, capazes de participar na intimidade divina; e para que, assim, também fosse possível a este homem novo, a este novo ramo dos filhos de Deus¹⁰, libertar toda a criação da desordem, restaurando todas as coisas em Cristo¹¹, que as reconciliou com Deus¹².

O CHAMAMENTO A COLABORAR COM CRISTO

Isto, meus filhos, é o que fomos chamados a fazer; esta deve ser a nossa tarefa apostólica, que, com a sua espiritualidade própria e a sua ascese particular, se insere maravilhosamente na missão única de Cristo e da sua Igreja.

O Senhor chama-nos para que O imitemos, como filhos queridíssimos – «*estote ergo imitatores Dei, sicut filii carissimi*»¹³, sede imitadores de Deus, como filhos muito queridos –, colaborando humilde e fervorosamente no divino propósito de unir o que está rasgado, de salvar o que está perdido, de ordenar o que o homem desordenou, de levar ao seu fim o que se desencaminha: de restabelecer a divina concórdia de toda a criação.

3 Repito-vos com São João: «*Videte qualem caritatem dedit nobis Pater, ut filii Dei nominemur et simus*»¹⁴. Chamamo-nos e somos filhos de Deus; e, por isso, irmãos do Verbo feito carne¹⁵, de Jesus Cristo, d’Aquele de quem foi dito: «*In ipso vita erat, et vita erat lux hominum*»¹⁶, n’Ele é que estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

Filhos da luz, irmãos da luz: é isso que somos. Portadores da única chama capaz de iluminar os caminhos terrenos das almas, do único fulgor no qual nunca poderão aparecer obscuridades, penumbras nem sombras¹⁷. «*Et lux in tenebris lucet, et tenebræ eam non comprehenderunt*»¹⁸: a luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam. O Senhor continua a derramar esplendores sobre os homens, uma luminosidade que é vida e calor de misericórdia, porque Ele é caridade, amor¹⁹; e serve-Se de nós como tochas, para que essas luzes iluminem as almas e sejam para todos fonte de vida, depois de terem iluminado e enchido a nossa com o fogo das ilustrações divinas²⁰.

Filhas e filhos, de nós depende, em parte, que muitas almas não permaneçam já em trevas, mas caminhem por sendas que levam até à vida eterna. Por isso, contemplando este panorama imenso que nos apresenta a vocação com que o Senhor quis honrar-nos pela graça, vêm-me à memória aquelas palavras, também do apóstolo João, que temos de repetir a tantas pessoas: «O que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que

também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo,[...] para que a nossa alegria seja completa»²¹.

4 Convém que agradeçamos muito, e com frequência, este chamamento maravilhoso que recebemos de Deus, com um agradecimento real e profundo, estreitamente unido à humildade, que há de ser, na alma de cada um, a primeira consequência dessa luz comunicada pela infinita misericórdia do Senhor: «Quid autem habes quod non accepisti?»²², que tens tu que não tenhas recebido?

Mas não só isso: «*Si dixerimus quoniam peccatum non habemus, ipsi nos seducimus, et veritas in nobis non est*»²³, se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Pelo contrário, se formos humildes, se formos verazes, as misérias próprias da debilidade humana e as dificuldades que se nos puderem apresentar não serão nunca um inconveniente para que a luz e o amor de Deus habitem em nós. Só assim agiremos como filhos fiéis da luz, objeto da contínua misericórdia de Deus e instrumentos eficazes da sua vontade.

Essa humildade fomentará na nossa alma, e irradiará ao nosso redor, uma grande confiança: «temos junto do Pai um advogado, Jesus Cristo, o Justo, pois Ele é a vítima que expia os nossos pecados, e não somente os nossos, mas também os de todo o mundo»²⁴.

Humildade e confiança, meus filhos, para dirigir o olhar para o caminho que Deus nos indicou, para o compreender retamente, para o seguir com lealdade. Uma fidelidade assim – rendida, entregue – dar-nos-á a todo o momento a certeza de que encontrámos verdadeiramente Jesus Cristo, de que com Ele estamos a cumprir a vontade do Pai, de que é verdadeira a nossa resposta filial à vocação recebida. E ouvimos aquelas palavras de

Paulo: «que Cristo, pela fé, habite nos vossos corações; que estejais enraizados e alicerçados no amor, para terdes a capacidade de apreender, com todos os santos, qual a largura, o comprimento, a altura e a profundidade»²⁵ deste mistério: conheceremos, em todas as suas dimensões, o que é viver com Cristo.

ALEGRIA NO SACRIFÍCIO

5 Não esqueçais que a unidade de vida, que o chamamento à Obra de Deus requer, exige muito espírito de sacrifício e uma grande abnegação. Estamos num caminho divino, em que temos de seguir as pegadas de Cristo, levando a nossa própria cruz, a Santa Cruz: e Deus Nosso Senhor espera que nos esforcemos generosamente, que nos sintamos ditosíssimos, cooperando com sacrifício para que a Obra se realize.

Deste modo, conseguiremos arar muitos campos de Deus que não receberam ainda a semente da salvação; venceremos muitas resistências dos que se opõem a Jesus Cristo e à sua Igreja (por vezes também, infelizmente, a resistência de alguns que se chamam seus amigos), que obstaculizam a liberdade dos filhos de Deus e a realização do seu Reino de caridade, de justiça e de paz; e também reanimaremos, com o labor livre e responsável de cada um, instituições humanas nobres e ambientes cristãos que agonizam.

Sim, filhos, garanto-vos que contribuiremos poderosamente para iluminar o trabalho e a vida dos homens, com o resplendor divino que o Senhor quis depositar nas nossas almas. Mas não esqueçais que quem diz que permanece em Deus também deve caminhar como Ele caminhou²⁶: caminho que conduz sempre à vitória, mas passando, também sempre, através do sacrifício.

6 Não é meu propósito fazer nesta carta uma exposição detalhada das principais exigências da nossa vocação. No entanto, como me deixei levar por São João para vos falar da necessidade do sacrifício no cumprimento da vontade do Pai, permiti-me que vos recorde agora a doutrina que o mesmo apóstolo dava aos primeiros cristãos, também desejosos de conhecer as obrigações da sua vocação cristã.

É um ensinamento que tem toda a atualidade autêntica e perene do Evangelho, tornado, por graça especial de Deus, mais patente aos nossos olhos em virtude da luz que o profundo sentimento da filiação divina nos põe na alma: «Caríssimos, não vos escrevo um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que já tínheis desde o princípio: este mandamento antigo é a palavra que ouvistes. É, contudo, um mandamento novo o que vos escrevo – o que é verdade nele e em vós –, pois as trevas passaram e a luz verdadeira já brilha. Quem diz que está na luz mas tem ódio a seu irmão, ainda está nas trevas. Quem ama o seu irmão permanece na luz e não corre perigo de tropeçar. Mas quem tem ódio ao seu irmão está nas trevas e nas trevas caminha, sem saber para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos»²⁷.

O nosso caminho é de amor, meus filhos. De amor a Deus, nosso Pai; de caridade fraterna sincera, constante e delicada. Deveis viver a caridade sempre e em tudo, porque a caridade do nosso Pai celestial também é continuamente derramada em nossos corações²⁸. Unidos na caridade de Deus, «*consummati in unum*»²⁹, vivendo o «*mandatum novum*»³⁰ do Senhor, seremos luz e calor de Deus entre os homens, e fortes como uma cidade amuralhada: «*frater qui adiuvatur a fratre quasi civitas firma*»³¹, o irmão ajudado pelo irmão é como uma cidade fortificada.

7 Não quero deter-me a comentar as maravilhas da caridade sobrenatural e do carinho humano verdadeiro que estais a viver com tanta delicadeza desde o princípio da Obra: não são poucas as almas que descobriram o Evangelho neste calor cristão da nossa família, onde ninguém se pode sentir só, onde ninguém pode sofrer a amargura da indiferença.

Mas não deixo de vos tornar presente com insistência que essa caridade de Cristo, que nos urge – «caritas enim Christi urget nos»³² –, nos pede um amor grande, sem limitações, com obras de serviço³³ a todos os homens: de qualquer nação, língua, religião ou raça – sem fazer distinção, dentro da ordem da caridade, de objetivos pessoais, temporais ou de partido, visto que os nossos fins são exclusivamente sobrenaturais –, porque Cristo morreu por todos, para que todos possam chegar a ser filhos de Deus e nossos irmãos.

Assim – trabalhando nós e ensinando outros a trabalhar fraternalmente, lealmente, lado a lado com todos os homens – faremos ver que a Santa Igreja é uma realidade viva, que vive especialmente pelos seus santos, que não faltam nunca em alguma parte deste Corpo Místico.

Amor sincero a todos os homens, manifestação necessária do amor que temos a Deus³⁴, e amor ao mundo em que habitamos, a todas as coisas nobres da terra, que são também objeto do amor de Deus³⁵.

Esquecei, pois, a vossa pequenez e a vossa miséria, filhas e filhos, e ponde os olhos e o coração neste rio caudaloso de águas vivas que é a Obra, que procura contribuir eficazmente para que a humanidade se encha de caridade, de alegria e de paz.

FILIAÇÃO DIVINA

8 Sendo a filiação divina, como vos recordei, o fundamento seguro da nossa vida espiritual, procurai meditar com frequência nestas palavras de São Paulo: «Os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: Abbá, ó Pai! Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos. Ora, se somos filhos de Deus, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, pressupondo que com Ele sofremos, para também com Ele sermos glorificados»³⁶.

São palavras que resumem como deve ser o nosso relacionamento com Deus Pai, em união com o seu Filho e com o Espírito Santificador, visando a herança divina que nos espera, se soubermos ser fiéis à tarefa apostólica que nos compete – por vocação – nesta terra.

«Postula a me, et dabo tibi gentes hæreditatem tuam, et possessionem tuam terminos terræ»³⁷, pede-me e Eu te darei povos como herança e os confins da terra por domínio. Temos, por isso, o direito e o dever de levar a doutrina de Jesus Cristo a todas as ordens da vida humana, metendo o espírito do Senhor em toda a parte, divinizando todas as tarefas do mundo.

Temos o direito e o dever de aproximar de Deus tudo o que é criatura de Deus, obra da sua criação, sem violentar nunca as exigências da ordem natural: porque – como diz São Paulo – «Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, o presente ou o futuro. Tudo é vosso. Mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus»³⁸.

9 Filhos da luz, dizíamos, para sermos luz do mundo. «Vós sois a luz do mundo.[...] Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no céu»³⁹. Luz do mundo, meus filhos, vivendo com naturalidade na terra, que é o ambiente normal da nossa vida; participando em todas as tarefas, em todas as atividades nobres dos homens; trabalhando junto deles, nos afazeres profissionais próprios de cada um; exercendo os nossos direitos e cumprindo os nossos deveres, que são os mesmos direitos e os mesmos deveres que têm os restantes cidadãos – iguais a nós – da sociedade em que vivemos. Mas sempre livres de qualquer laço que possa entorpecer o cumprimento amoroso da vontade de Deus.

Por isso, temos de procurar continuamente, no meio das nossas ocupações seculares diárias, a intimidade e união constante com Jesus Cristo, de modo que esse fogo que o Senhor acendeu nas nossas almas nunca se apague nem se debilite: já que há de ser verdade que os que nos rodeiam notem que somos luz de Deus, que ilumina o mundo.

10 A nossa vida é, portanto, um compromisso divino – que desejo concretizar num simples contrato civil de trabalho: um dia hei de explicar-vos –, que nos ajuda a viver não os votos dos religiosos, mas as virtudes cristãs: «Agora, que estais libertos do pecado e vos tornastes servos de Deus, produzis frutos que levam à santificação, e o resultado é a vida eterna»⁴⁰.

O cristão, que se sabe livre, perde com gosto a liberdade por amor a Jesus Cristo, para ser servidor dos homens, seus irmãos. Estamos convencidos de que o nosso compromisso de amor com Deus e de serviço à

sua Igreja não é como uma peça de roupa, que se veste e se despe; porque abarca toda a nossa vida, e a nossa vontade, com a graça do Senhor, é que a abarque sempre. Não devemos aparecer entre as pessoas como bichos exóticos, como um elefante branco ou outra criatura estranha, repugnante ou assustadora, que é transportada dentro de uma jaula grande, despertando sentimentos de curiosidade, de admiração ou de amargura em quem olha para ela.

Somos iguais aos nossos concidadãos; por isso, *temos de viver sempre na rua, sair para a rua, ou, pelo menos, assomar à janela*. Temos o dever de nos diluirmos, de nos dissolvermos na multidão como sal de Cristo que condimenta a sociedade. Assim, sem distinção de tipo nenhum – porque o nosso espírito peculiar o não permite –, idênticos aos nossos parentes, aos nossos amigos, aos nossos colegas quanto aos empenhos nobres do mundo, faremos ver às pessoas que não podem viver só do que é transitório, porque desse modo não serão felizes: fá-las-emos levantar o coração e a mente ao céu, e sentirão o gozo de saber que a criatura humana não é um animal.

Devemos ser luz e fogo aceso, aquele fogo que arderá sempre no altar⁴¹, para levar, de acordo com as circunstâncias, os homens a Deus, respondendo ao chamamento de Cristo: «Venite ad me omnes»⁴², vinde todos a Mim; ou para levar Deus aos homens, quando escutamos o Senhor a dizer: «*Ecce sto ad ostium et pulso*»⁴³, olha que Eu estou à porta e bato.

Mas o cristão verdadeiramente zeloso não há de esquecer que deve conservar-se no meio destas duas atitudes, com serenidade e com equilíbrio, porque, se o Senhor diz: «*Ecce venio cito et merces mea mecum est*»⁴⁴, eis que Eu venho em breve e trarei a recompensa para retribuir a cada um conforme as suas obras; também diz, por São Mateus, que as almas têm de se esforçar⁴⁵.

Basta recordar um trecho maravilhoso, depois da Ressurreição: o Senhor junta-Se no caminho àqueles discípulos que estão tristes e titubeantes na fé e, depois de lhes abrir o sentido das Escrituras, chegados a Emaús, faz menção de continuar a viagem. Cléofas e o companheiro, com um modo de dizer que tem qualquer coisa repleta de ternura divina e humana, rogam: «Mane nobiscum, quoniam advesperascit, et inclinata est iam *dies*»⁴⁶, fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso.

UNIÃO COM CRISTO MEDIADOR

11 Se o Filho de Deus Se fez homem e morreu numa cruz, foi para que todos os homens sejam uma só coisa com Ele e com o Pai⁴⁷. Portanto, todos estamos chamados a fazer parte desta divina unidade. Com alma sacerdotal, fazendo da Santa Missa o centro da nossa vida interior, procuramos estar com Jesus, entre Deus e os homens.

A nossa união com Cristo dá-nos consciência de sermos, com Ele, corredutores do mundo, contribuindo para que todas as almas possam participar dos frutos da sua Paixão, e conhecer e seguir o caminho de salvação que conduz ao Pai.

Não deixarei de o repetir: para estarmos unidos a Cristo no meio das ocupações do mundo, temos de abraçar a cruz com generosidade e com brio. A mortificação é sal da nossa vida, filhas e filhos meus, que há de acompanhar delicadamente, inteligentemente, o nosso trabalho diário, com o fim de sustentar a nossa vida sobrenatural, da mesma maneira que o bater do coração sustenta a vida do corpo.

Assim, demonstraremos aos outros homens que vivem e trabalham no meio das realidades do mundo o significado da oração sacerdotal de Cristo: «Pater sancte, serva eos in nomine tuo, quos dedisti mihi.[...] Non rogo ut

tollas eos de mundo, sed ut serves eos a malo. De mundo non sunt, sicut et ego non sum de mundo»⁴⁸, Pai santo, Tu que a Mim Te deste, guarda-os em Ti.[...] Não Te peço que os retires do mundo, mas que os livres do Maligno. De facto, eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo.

12 Filhos da minha alma, tudo isto são ideias que me vão ocorrendo, como vos sucederá também a vós, quando, ao considerar a magnitude da nossa tarefa apostólica no meio das atividades humanas, procuro reter na memória, unidas às cenas da morte – do triunfo, da vitória – de Jesus na Cruz, aquelas palavras suas: «Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum»⁴⁹, e Eu, quando for erguido da terra, atrairei todos a Mim.

Unidos a Cristo pela oração e pela mortificação no nosso trabalho diário, nas mil circunstâncias humanas da nossa vida simples de cristãos comuns, realizaremos essa maravilha de pôr todas as coisas aos pés do Senhor, levantado sobre a cruz, onde Se deixou pregar por tanto amor ao mundo e aos homens.

Desse modo simples, trabalhando e amando a Deus na tarefa que é própria da nossa profissão ou do nosso ofício, a mesma que desempenhávamos quando Ele nos veio procurar, cumprimos a tarefa apostólica de pôr Cristo no cume e no âmago de todas as atividades dos homens: porque nenhuma dessas atividades limpas fica excluída do âmbito do nosso apostolado, que se torna manifestação do amor redentor de Cristo.

O TRABALHO, REALIDADE DA VIDA SECULAR E MEIO DE SANTIDADE

13 Desta maneira, o trabalho não é, para nós, apenas o meio natural de fazer face às necessidades económicas e de nos manter em comunidade de vida natural e simples com as outras pessoas, mas é também, e sobretudo, o

meio específico de santificação pessoal que o nosso Pai Deus nos indicou, e o grande instrumento apostólico santificador que Deus pôs nas nossas mãos para conseguir que a ordem querida por Ele resplandeça em toda a criação.

O trabalho, que há de acompanhar a vida do homem sobre a terra⁵⁰, é para nós, simultaneamente – e em grau máximo, porque às exigências naturais se unem outras, claramente de ordem sobrenatural –, o ponto de encontro da nossa vontade com a vontade salvífica do nosso Pai celestial.

Digo-vos uma vez mais, filhos: o Senhor chamou-nos para que, permanecendo cada um no seu próprio estado de vida e no desempenho da sua própria profissão ou ofício, nos santifiquemos todos no trabalho, santifiquemos o trabalho e santifiquemos com o trabalho. É assim que o trabalho humano que realizamos pode, com razões de sobra, considerar-se *opus Dei, operatio Dei*, trabalho de Deus.

Nosso Senhor dá ao trabalho da inteligência e das mãos do homem, ao trabalho dos seus filhos, um valor imenso. Agindo assim perante Deus, por razões de amor e de serviço, com alma sacerdotal, um genuíno sentido sobrenatural, que mantém a nossa vida unida à fonte de todas as graças.

Não se trata – vede bem como tudo isto está longe do chamado espírito clerical – de temporalizar a missão sobrenatural de Cristo e da sua Igreja; trata-se justamente do contrário: de sobrenaturalizar a ação temporal do homem. Porque estamos plenamente convencidos de que todo o trabalho humano legítimo, por humilde, pequeno e insignificante que pareça, pode ter sempre um sentido transcendente: uma razão de amor, algo que fale de Deus e que a Deus conduza.

14 É preciso, pois, mostrar aos homens este caminho simples de santidade, que se proporciona a todos com a magnífica simplicidade das coisas divinas; e fá-lo-emos bem se procurarmos começar a pregar esta

doutrina com o exemplo vivo do nosso trabalho pessoal intenso, feito com desejo de perfeição – com a maior perfeição possível, também humana –, com a perfeição que pede aquilo que se vai oferecer a Deus.

Se exercitarmos a nossa profissão deste modo, se realizarmos assim as nossas tarefas no meio do mundo – esse trabalho ou munus de cada um, que é bem conhecido por todos –, os homens aprenderão connosco que é muito possível, também nas circunstâncias normais da vida habitual, tornar realidade na sua alma o mandato que o Senhor dirigiu a todos: «Estote ergo vos perfecti, sicut et Pater vester cælestis perfectus est»⁵¹, portanto, sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste.

Cumprir a vontade de Deus no trabalho, contemplar Deus no trabalho, trabalhar por amor a Deus e ao próximo, converter o trabalho em meio de apostolado, dar ao que é humano valor divino: esta é a unidade de vida, simples e forte, que devemos ter e ensinar.

CONTEMPLATIVOS NO MEIO DO MUNDO

15 Almas contemplativas no meio do mundo: é isso que são os meus filhos no Opus Dei, o que haveis de ser sempre para garantir a vossa perseverança, a vossa fidelidade à vocação recebida. E em cada instante da nossa jornada, poderemos exclamar sinceramente: «Loquere, Domine, quia audit servus tuus»⁵², fala, Senhor, o teu servo escuta.

Onde quer que estejamos, no meio do rumor da rua e dos projetos humanos (na fábrica, na universidade, no campo, no escritório ou em casa), encontrar-nos-emos em simples contemplação filial, num constante diálogo com Deus.

Porque tudo – pessoas, coisas, tarefas – nos dá ocasião e tema de uma contínua conversa com o Senhor; tal como a outras almas, com uma

vocação diferente, a contemplação é facilitada pelo abandono do mundo – o *contemptus mundi* – e pelo silêncio da cela ou do deserto. A nós, meus filhos, o Senhor só nos pede o silêncio interior – calar as vozes do egoísmo do homem velho –, não o silêncio do mundo, porque o mundo não pode nem deve calar-se para nós.

16 Sem esse relacionamento fiel com o nosso Pai Deus, a que estamos chamados pela nossa própria vocação, posso assegurar-vos que é muito difícil perseverar no Opus Dei. Por isso, «no que fizerdes, trabalhai de todo o coração, como quem o faz para o Senhor e não para os homens, sabendo que é do Senhor que recebereis a herança como recompensa. O Senhor, a quem servis, é Cristo»⁵³.

Com esta unidade de vida, com este empenho pela contemplação no meio do mundo – no meio da rua: ao ar livre, ao sol, debaixo de chuva –, não só vos dominará o desejo de permanecer na tarefa temporal, de não vos afastardes das realidades terrenas, mas arrastar-vos-á o empenho apostólico de penetrar valentemente em todas essas realidades seculares, para delas extrair as exigências divinas que contêm; para ensinar que a fraternidade dos filhos de Deus – a fraternidade humana tem sentido sobrenatural – é a grande solução para os problemas do mundo; para tirar os homens da sua carapaça de egoísmo; para assegurar, ao mesmo tempo, a necessária personalidade e a verdadeira liberdade, «qua libertate Christus nos liberavit»⁵⁴, aos que estão como que dissolvidos na massa; para, numa palavra, abrir aos homens os caminhos divinos da terra.

17 Bem vedes, filhas e filhos queridíssimos, a que grandes horizontes apostólicos nos leva a consideração desses aspetos característicos da nossa espiritualidade, todos inseridos no fio comum da filiação divina.

Deveis estar muito agradecidos a Deus, porque nos deu esta espiritualidade tão sincera e simplesmente sobrenatural, e ao mesmo tempo tão humana, tão próxima das tarefas terrenas nobres. É uma graça muito especial – luz de Deus, dizia-vos –, que recebemos por misericórdia sua, e que com fidelidade humilde devemos transmitir a muitas outras almas.

Tende, porém, em conta que, em não poucas ocasiões, esta espiritualidade e esta ascética custaram e custam ao vosso Padre e a alguns dos vossos irmãos ter de suportar a incompreensão, ter de ouvir classificar como loucura – e até como heresia – o que é caminho de Deus, e como loucos e hereges os que o seguem.

18 O Senhor permite muitas vezes que, tal como a luz é acompanhada pela escuridão, as obras de Deus sejam acompanhadas pela incompreensão, e até pela difamação e pelas perseguições. São promovidas frequentemente por gente *boa*, mas muito cega, que não quer saber senão da sua rotina, da sua comodidade ou do seu egoísmo, que foge de qualquer complicação na sua vida.

E assim, até no ambiente eclesiástico, entre pessoas santas ou, pelo menos, cumpridoras do dever, encontram-se muitas sem zelo, que são burocratas da Igreja de Deus e dão a impressão de não se importarem com as almas. Nem uns nem outros entendem os termos espirituais: quando se lhes fala, parecem-lhes vazios, não tentaram vivê-los.

Tenho pensado algumas vezes que, por pouca preparação que tiverem, deveriam aperceber-se do dever grave que os haveria de urgir a pedir informações, a escutar quem é acusado, a estudar a sua doutrina: a doutrina que o acusado propõe, e os frutos que dá.

Calo-me e continuarei a calar-me, enquanto puder: mas sinto claramente que a defesa do espírito da Obra é a defesa da nossa amizade com Deus,

que nos diz: «*Ergo iam non estis hospites et advenæ, sed estis cives sanctorum et domestici Dei*»⁵⁵, portanto, já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas sois concidadãos dos santos e membros da casa de Deus.

19 Com essa cegueira ou esse comodismo, não podem compreender que a liberdade – a liberdade pessoal – seja um ponto principalíssimo do espírito da Obra de Deus; não podem compreender que a maior parte das vezes usemos o eu, responsabilizando-nos pelos nossos atos, e que raras vezes possamos dizer nós, porque os outros irmãos nossos – os outros sócios da Obra, melhor dizendo – não têm obrigação de seguir um determinado critério que um membro do Opus Dei tiver nas coisas temporais, nem nas teológicas que a Igreja deixar à discussão dos homens. Consola ler no Santo Evangelho que «neque enim fratres eius credebant in eum»⁵⁶, ninguém acreditava em Jesus Cristo.

Há outras pessoas que, querendo fazer-nos sentir a experiência dos seus velhos anos, nos olham com preconceitos. Eu, em contrapartida, penso, e vós comigo, que o velho e o novo podem estar cheios de vitalidade: a criança, o jovem, o homem que entrou na maturidade ou na velhice podem estar saudáveis, igualmente saudáveis, de corpo e de alma. E a idade leva-os a dar-nos conselhos – que não pedimos – com o preconceito e a prudência de quem é velho, quando aquilo de que necessitamos é de orações, compreensão e carinho.

ESPERANÇA E CONFIANÇA EM DEUS: ALEGRIA

20 Tudo isto passará; entretanto, lutemos na nossa vida interior, nessa luta ascética que nos enche de otimismo e de alegria, de paz e de esperança. E repitamos aquelas palavras que eram para mim uma jaculatória nos primeiros anos da nossa Obra, uma oração, se quiserdes, demasiado

ingénua, mas que é a mesma que, segundo nos diz São João, fizeram os discípulos ao Mestre: «Nunc scimus quia scis omnia»⁵⁷.

Continuo a dizê-la: Deus sabe mais. Meus filhos, «eratis enim aliquando tenebræ, nunc autem lux in Domino: ut filii lucis ambulate»⁵⁸, éramos noutros tempos trevas, agora somos luz no Senhor: vamos avante como filhos da luz.

Perante as contradições, sentiremos Jesus que diz a Paulo e, em Paulo, nos diz a nós: «Sufficit tibi gratia mea, nam virtus in infirmitate perficitur»⁵⁹, basta-te a minha graça, porque o meu poder resplandece e alcança o seu fim por meio das tuas fraquezas.

Podeis dizer com segurança, com humildade e com fortaleza, a estes que nos difamam, as últimas palavras do Apologético de Tertuliano: «É que, achando-se contrapostos o humano e o divino, ao sermos por vós condenados, somos por Deus absolvidos»⁶⁰.

21 No entanto, esta nossa *novidade*, meus filhos, é tão antiga como o Evangelho. Desde que Jesus Cristo disse que é «o Caminho, a Verdade e a Vida»⁶¹, e convidou todos a segui-Lo⁶², brotou com força na alma de muitos fiéis, desde os primeiros tempos da Igreja, o desejo de tornar realidade a busca da perfeição traçada pelo Evangelho e praticada exemplarmente pelo próprio Cristo: vida de santidade pessoal e de atividade apostólica.

Assim, a autêntica espiritualidade do Evangelho foi produzindo frutos abundantes de santidade em todos os ambientes daquela sociedade pagã que rodeava os cristãos da primeira hora. São homens e mulheres que vivem sinceramente a sua fé, e são, portanto, proselitistas; trabalham com naturalidade entre os demais – se são cidadãos, como cidadãos; se são escravos, como escravos –; que praticam uma fraternidade esmerada e que

se dedicam a Deus e à difusão da boa nova, na medida dos dons que cada um recebeu⁶³. O resultado foi a cristianização de toda a sociedade pagã.

22 Não faltaram desde então, ao longo dos séculos, almas que procuraram seguir de perto o exemplo de Jesus Cristo; mas, progressivamente, foram concentrando o seu esforço em viver – no exercício professado publicamente – três conselhos, que se tornaram tradicionais: pobreza, castidade e obediência, que ficaram assim tipificados como pilares ascéticos de um certo estado de vida, diferente do dos simples fiéis.

Deste modo se delineou a condição própria do estado religioso que, nas suas diversas formas evolutivas históricas, sempre exigiu, como elemento substancial, uma separação mais ou menos completa do mundo, das tarefas e das atividades seculares.

Para as almas que recebem de Deus essa vocação, as ocupações e os trabalhos temporais do simples cristão constituem um impedimento, que hão de abandonar – como condição sine qua non – para procurarem a própria santificação – vivendo a vida de perfeição evangélica – e promoverem a salvação dos outros estando fora do mundo, com oração, penitência e obras de apostolado compatíveis com esse estado de vida.

DESEJOS DE SANTIDADE NO MUNDO

23 Isto não quer dizer que não tenha havido também outras almas que procuraram dedicar-se ao cumprimento perfeito da vontade de Deus sem se afastarem dos seus afazeres habituais e da condição e do estado de vida que tinham no mundo: houve-as, habitualmente isoladas, e a Igreja elevou algumas delas aos altares.

Contudo, a imensa maioria dessas almas permaneceu na obscuridade, passou em silêncio, inadvertida, mal se podendo saber até que ponto a sua vida santa foi exemplo para outras pessoas e contribuiu para manifestar a santidade da Igreja.

Com o exemplo destas pessoas extraordinárias, ficou também como que numa semiobscuridade – pelo menos prática – a doutrina clara de que todos os batizados, embora permanecendo na sua vida de trabalho normal no meio do mundo, podem e devem santificar-se e ser levedura poderosa de vida cristã⁶⁴.

24 Há almas generosas, homens e mulheres, que sentem o desejo de trabalhar com todas as suas forças na vinha do Senhor. Não têm, no entanto, vocação religiosa, nem desejam a vida de perfeição evangélica, mas quereriam tornar realidade, no meio do mundo e da vida corrente, os seus desejos de se dedicarem a procurar a perfeição cristã e a exercitar o apostolado.

Essas pessoas com desejos de perfeição sabem que não faltam ambientes, que também são de Deus, encerrados em fronteiras que um sacerdote ou um religioso, pela natureza da sua vocação, não pode atravessar. A descristianização progressiva da sociedade moderna apresenta uma prova eloquente de que a vida humana, as profissões e as atividades sociais estão muitas vezes longe da Igreja e das tarefas próprias das pessoas *consagradas* ao seu serviço.

25 Pois bem, filhas e filhos – como parte da providência de Deus no cuidado da sua Igreja Santa e na conservação do espírito do Evangelho –, desde 2 de outubro de 1928, o Senhor incumbiu o Opus Dei da tarefa de tornar bem patente, de recordar a todas as almas, com o exemplo da vossa

vida e com a palavra, que existe um chamamento universal à perfeição cristã e que é possível segui-lo.

O que o Senhor quer é que cada um de vós, nas circunstâncias concretas da sua própria condição no mundo, procure ser santo: «*Hæc est enim voluntas Dei, sanctificatio vestra*»⁶⁵, esta é, na verdade, a vontade de Deus: a vossa santificação. Santidade muitas vezes escondida, sem brilho exterior, diária, heroica: para corredimir com Cristo, para salvar com Ele as criaturas, para ordenar com Ele as coisas humanas.

Deus quer servir-Se da vossa santidade pessoal, buscada segundo o espírito da Obra, para ensinar a todos, de uma maneira peculiar e simples, o que já bem sabeis: que todos os fiéis, incorporados a Cristo pelo batismo, são chamados a procurar a plenitude de vida cristã.

VOCAÇÃO DE TODOS À SANTIDADE

26 O Senhor quer-nos seus instrumentos, para recordar na prática – também vivendo-o – que o chamamento à santidade é universal em concreto e não exclusivo de alguns, nem de um estado de vida determinado, nem condicionado em geral pelo abandono do mundo: que qualquer trabalho, qualquer profissão, pode ser caminho de santidade e meio de apostolado.

Esta é, filhos, doutrina segura, luz de Deus. Doutrina que dificilmente poderá ser entendida por quem não concebe a perfeição cristã nem a contemplação fora do estado religioso; mas que está fundamentada na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja, confirmada pela experiência que nos proporciona continuamente a vida do Opus Dei, apesar da nossa pequenez humana.

27 A Obra tem uma finalidade exclusivamente sobrenatural; por isso, a liberdade pessoal de cada um dos seus membros é parte do seu espírito; e, também por isso, não excluimos do nosso trabalho ninguém, nenhuma alma que queira vir compartilhar as nossas aspirações, mesmo que não tenha fé.

Não há, bem o sabeis, nenhum absolutismo possível dentro da nossa família espiritual; vão sendo tomadas todas as precauções para evitar esse dano, fazendo com que o governo seja colegial. No entanto, dentro do Opus Dei, no que é fundamental não haverá nenhuma desagregação viável, não haverá opiniões; estamos «consummati in *unum*»⁶⁶: temos um pequeno denominador comum, que é a doutrina da Igreja e, dentro dela, o espírito característico da Obra e a maneira peculiar de exercitar o apostolado no meio da rua, procurando a santidade pessoal e a de todos os que nos rodeiam; e um numerador amplíssimo, um mar sem limites, sempre conformado pela geografia e pelo tempo, em que as diversas opiniões são e serão constantemente prova de bom espírito, manifestação patente de que, no Opus Dei, não há tiranos nem escravos.

O Senhor deu-nos luz suficiente para compreender algo que ocorre na história dos homens: quem foi escravizado, depois geralmente torna-se déspota. Porém, na Obra, há uma ordem, tem de haver; se não, o nosso Opus Dei não poderia ser instrumento para servir as almas, para servir a Igreja, para ser fiel ao Magistério do Romano Pontífice. Mas esta ordem, vivida com uma extremada docilidade voluntária e com liberdade, é – acho que me entenderéis – uma *organização desorganizada*: por isso, repito, no que é temporal e no que é teológico, mas não de fé, as opiniões são admitidas e respeitadas, como manifestação sadia de bom espírito.

28 A Obra tem mais três características: com a alegria, o amor ao trabalho e o amor à pobreza. Daremos a Deus o melhor, ao culto divino –

que se exerce, habitualmente, em pequenos oratórios – consagraremos com esforço uma atenção que torne impossível que Lhe dediquemos o sacrifício de Caim; quando um homem oferecer à mulher amada, como prova de afeto, um saco de cimento e três barras de ferro, tenho-vos dito, nós faremos o mesmo com Nosso Senhor, que está nos céus e nos nossos Tabernáculos.

A nossa pobreza, meus filhos, não há de ser clamorosa pelintrice; a nossa pobreza oculta-se com um sorriso, com a limpeza do corpo e a limpeza da roupa e, acima de tudo, com a limpeza da alma. Não esperemos, portanto, louvores na terra, mas não esqueçamos aquelas palavras de São Mateus: «Pater tuus, qui videt in abscondito, reddet tibi»⁶⁷.

Por isso, devemos viver sempre o que é natural no ser humano com sentido sobrenatural. Por isso, poderemos tornar divinas as coisas da terra. Por isso, para nós não é um sacrifício aceitar a nossa vocação; não é sacrifício, porque sabemos que é uma prova de eleição e de amor: «*Redemi te, et vocavi te nomine tuo, meus es tu*»⁶⁸.

29 Assim, poder-se-á dizer de nós o que o salmista diz do Senhor, nosso Redentor e nosso modelo: «Exsultavit ut gigas ad currendam viam», sendo nós tão pequenos, «a summo cælo egressio eius et occursus eius usque ad summum eius», alegrar-me-ei como gigante que corre pelo seu caminho e vai de um extremo ao outro, que desemboca no céu, chegando até aos confins mais longínquos; «nec est qui se abscondat a calore eius»⁶⁹, nada escapa ao seu calor.

E, ao ver as maravilhas que o Senhor está já a começar a operar pelas nossas mãos em tantas pessoas que se aproximam de nós, não teremos a tentação do orgulho, porque no fundo do coração ressoará aquele versículo do salmo: «Tu es, Deus, qui facis mirabilia: notam fecisti in populis

virtutem tuam»⁷⁰, só Tu és, Senhor, Quem realiza maravilhas, e assim manifestas entre as nações o teu poder.

Portanto, «nolite itaque errare, fratres mei dilectissimi: omne datum optimum, et omne donum perfectum, desursum est, descendens a Patre luminum, apud quem non est transmutatio nec vicissitudinis obumbratio»⁷¹, toda a boa dádiva e todo o dom perfeito, bem sabeis, vêm do alto, descendo do Pai das luzes, no qual não há mudanças nem períodos de sombra.

AMOR, FONTE DE LUZ

30 Quando viverdes toda essa doutrina, por vezes não vos bastará falar, tereis necessidade de cantar por amor, como os jovens que fazem serenatas; mas fareis coplas de amor humano de modo divino, e sentir-vos-eis como aqueles seres de quem fala Ezequiel para representar os evangelistas do Senhor: «Ibant et revertebantur in similitudinem fulguris *coruscantes*»⁷²; ireis pelo mundo, dando luz, como archotes ardentes que crepitam fogo.

O Espírito Santo faz com que a nossa Mãe, a Igreja de Cristo, realidade viva e sempre atual – moderna e antiga –, encontre continuamente, na fidelidade ao depósito rico e bem guardado que lhe foi confiado, as energias necessárias para renovar a sua juventude e para achar o modo de transmitir a mensagem cristã a todas as almas, segundo os tempos, adaptando-se à linguagem dos homens, compreendendo a sua mentalidade: «Nova et vetera, dilecte mi, servavi *tibi*»⁷³, frutos novos e velhos guardei-os para ti, meu amado, lê-se no Cântico dos Cânticos.

E no Evangelho está escrito que «omnis scribe doctus in regno caelorum similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera»⁷⁴, todo o doutor da Lei instruído acerca do Reino do Céu é

semelhante a um pai de família que tira coisas novas e velhas do seu tesouro.

31 O nosso espírito é assim, velho como o Evangelho – escrevi sempre – e, como o Evangelho, novo; a própria natureza da nossa vocação, o nosso modo de buscar a santidade e de trabalhar pelo Reino de Deus, faz-nos falar das coisas divinas na mesma linguagem que os homens utilizam, ter os mesmos costumes sadios que eles têm, compartilhar a sua mentalidade reta; ver Deus, diria, a partir do mesmo ângulo, secular e laical, do qual eles formulam, ou podem formular, os problemas transcendentais da sua vida: não ser nunca um modelo glacial, que se possa admirar, mas não amar.

Vimos, pois, recolher com juventude o tesouro do Evangelho, para o fazer chegar a todos os cantos da terra. Mas não vimos *revolucionar* nada. Bebemos do bom vinho velho da autêntica doutrina católica, respeitando e amando tudo o que o Senhor promoveu ao longo de tantos séculos ao serviço da sua Igreja Santa.

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

32 «*Spiritus ubi vult spirat, et vocem eius audis, sed nescis unde veniat aut quo vadat*»⁷⁵, o vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Tem sido esta a minha vida – escrevo-o com emoção e com agradecimento ao meu Deus, com a noção de que sou um pobre pecador – desde há muitos anos: muito antes de o Senhor, derramando graça abundante (na altura estava só, tendo como única bagagem os meus vinte e seis anos e o meu bom humor), me chamar claramente a trabalhar na sua Obra, com uma vocação bem definida.

A Obra está a ir avante à base de oração: da minha oração – e das minhas misérias – que, aos olhos de Deus, força o que exige o cumprimento da sua Vontade; e da oração de muitas almas – sacerdotes e leigos, novos e velhos, sãos e doentes – a quem recorro, certo de que o Senhor os escuta, para que rezem por determinada intenção, da que, ao princípio, só eu tinha conhecimento. E, com a oração, a mortificação e o trabalho dos que se aproximam de mim: foram estas as nossas únicas e grandes armas para a luta.

Assim se vai – assim se irá – fazendo a Obra, assim irá crescendo em todos os ambientes: nos hospitais e na universidade; nas catequese dos bairros mais necessitados; nas famílias e nos locais de reunião dos homens; entre os pobres, os ricos e as pessoas das mais diversas condições, para fazer chegar a todos a mensagem que Deus nos confiou.

33 Uma missão que a Obra se lançou a cumprir diretamente, com generosidade, sinceramente, sem subterfúgios nem mecenatos humanos, sem andar continuamente – passe o exemplo – a saltitar, à procura do sol que mais aquece ou da flor mais rica e vistosa: o sol está dentro de nós e o trabalho realiza-se – como há de ser – na rua, e dirige-se a todos.

Nestes anos dos começos, encho-me de profunda gratidão a Deus. E, ao mesmo tempo, penso, meus filhos, no muito que nos falta percorrer até semearmos em todas as nações, por toda a terra, em todas as ordens da atividade humana, esta semente católica e universal que o Opus Dei veio espalhar.

Por isso, continuo a apoiar-me na oração, na mortificação, no trabalho profissional e na alegria de todos, renovando constantemente a minha confiança no Senhor: «Universi, qui sustinent te, non confundentur»⁷⁶; ninguém que põe em Deus a sua confiança será confundido.

34 Meus filhos, peço-vos que vos unais sempre e continuamente às minhas intenções, enchendo-vos também de confiança, enquanto vos preparais para continuar a trabalhar com renovada juventude pela expansão da Obra: «Qui replet in bonis desiderium tuum, renovabitur ut aquilæ iuventus tua»⁷⁷, porque o nosso Deus tornará realidade fecunda os desejos que pôs nos nossos corações, e a nossa tarefa espiritual na terra será sempre robusta e jovem.

O Senhor espera de vós e de mim que, gozosamente agradecidos pela vocação que a sua infinita bondade depositou na nossa alma, formemos um grande exército de semeadores de paz e de alegria nos caminhos dos homens, de modo que em breve sejam inúmeras as almas que possam repetir connosco: «Cantate Domino canticum novum; cantate Domino omnis terra»⁷⁸, cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, terra inteira.

Nós, os filhos de Deus na sua Obra, sentindo e vivendo sinceramente a filiação divina, unidos pelos laços fortes do amor fraterno, poderemos facilmente ser – já vo-lo disse – uma *organizada desorganização* apostólica no mundo, uma transfusão contínua da força vital cristã na corrente circulatória da sociedade.

35 O Senhor quer que, sozinhos, com o apostolado pessoal de cada um, ou unidos a outras gentes (talvez afastadas de Deus, ou até não católicas nem cristãs), planeeis e leveis a cabo no mundo toda a espécie de iniciativas serenas e belas, tão variadas como a superfície da terra, como o sentir e o querer dos homens que a habitam, que contribuam para o bem

espiritual e material da sociedade e possam tornar-se para todos ocasião de encontro com Cristo, ocasião de santidade.

Em todo o caso, o grande meio de que dispões para realizar uma e outra forma de apostolado – cada um por si, ou unido a outros cidadãos – é o vosso trabalho profissional. Por isso vos tenho repetido tantas vezes que a vocação profissional de cada um de nós é parte importante da vocação divina; e também por isso o apostolado que a Obra realiza no mundo será sempre atual, moderno, necessário: porque, enquanto houver homens à face da terra, haverá homens e mulheres que trabalhem, que tenham uma determinada profissão ou ofício – intelectual ou manual –, que estarão chamados a santificar, e a servir-se do seu labor para se santificarem e para levarem os outros a dar-se com Deus com simplicidade.

O vosso trabalho, o vosso apostolado (que terá de ser necessariamente muito proselitista, como o dos primeiros cristãos) atrairá pessoas com vontade de trabalhar, com ténpera, com garra, com firmeza de espírito, constantes mais do que brilhantes, audazes, sinceras, com amor à liberdade e, por isso, capazes de viver a nossa entrega; capazes de ser, na sua vida, no seu trabalho, Opus Dei. E isto, mesmo que nunca lhes tivesse passado pela cabeça – muitas vezes porque vivem na gentildade – a possibilidade de serem felizes em amizade com Deus, e de levarem uma vida de *dedicação* e de serviço.

O CHAMAMENTO À OBRA É PARA TODOS OS FIÉIS

36 São numerosos, bem sabeis por experiência pessoal, os caminhos da misericórdia divina. À Obra há de chegar gente de todas as nações, de todas as raças e de todas as línguas; novos e velhos, celibatários e casados, sãos e doentes: cada um a ocupar o lugar que tem atribuído pela Vontade de

Deus, cada um a aproveitar a oportunidade – a graça especialíssima – que a bondade de Nosso Senhor lhe oferece.

Pensando neste caminho com sabor de primitiva cristandade, que Deus suscitou para renovar de modo tão admiravelmente simples os milagres da graça na vida de tantas almas, desfruto relendo devagar o que São Justino escrevia, maravilhado perante o poder admirável do Evangelho.

«Aqueles de nós que antes nos comprazíamos na dissolução, agora só abraçamos a castidade; os que nos dedicávamos às artes mágicas, consagramo-nos agora ao Deus bom e ingénito; os que amávamos o dinheiro e o aumento dos nossos bens acima de tudo, agora até o que temos, repartimos e damos a todos os que estão em necessidade; os que nos odiávamos e feríamos uns aos outros, e separados por diferentes modos de vida, não partilhávamos a casa com aqueles que não eram da mesma raça, agora, depois da vinda de Cristo, vivemos todos juntos e oramos pelos nossos inimigos e tentamos dissuadir aqueles que com ódio injusto nos perseguem, para que, vivendo segundo os belos conselhos de Cristo, tenham boa esperança de obter, juntamente connosco, os mesmos bens que esperamos de Deus, soberano de todas as coisas»⁷⁹.

37 Qualquer pessoa poderá ser da Obra, se Deus a chamar; a sua vocação não há de comportar nenhuma mudança de estado e, portanto, nenhuma alteração exterior.

Cada um permanecerá no lugar que ocupa no mundo, com o seu trabalho, com a sua mentalidade, com os seus deveres de estado, com os seus compromissos profissionais, com as suas obrigações para com a coletividade, e com as suas relações sociais: porque todas essas relações são meios para o seu trabalho apostólico de cristão.

A Obra de Deus dar-lhe-á o seu espírito sobrenatural peculiar – a sua ascética específica – e a formação doutrinal adequada, com o fim de poder santificar-se e realizar o seu Opus Dei precisamente *em e através* dessas mesmas realidades humanas.

Mas, dentro dessa necessária unidade de espírito e de formação, cada membro da Obra atua no mundo – nas suas atividades temporais, de carácter profissional, cultural, político, social, etc. – com plena liberdade e, portanto, com responsabilidade pessoal: uma responsabilidade completa e exclusiva, que cada um assume como consequência lógica da liberdade absoluta de opinião e de ação, dentro dos limites da fé e da moral de Jesus Cristo.

38 O facto teológico e apostólico da Obra é, pois, tão peculiar, e tão diverso do nascimento de uma vocação religiosa e da condição de vida que esta vocação comporta, que uma pessoa que deseje ser admitida no Opus Dei certamente nunca teria pensado entregar-se a Deus no estado religioso nem ir para o seminário. Podemos, por isso, afirmar com razão que não afastamos ninguém desses caminhos.

A Obra não tem, não deve ter, embora os amemos para outros, seminários menores nem escolas apostólicas, onde as mães, cheias de bons desejos – de desejos santos –, levam os filhos desde muito novos, para ver se, vivendo num meio especialmente apto, pode arreigar neles a vocação sacerdotal ou a vocação religiosa.

As pessoas que pedem a admissão na Obra – como já têm idade mais do que suficiente – fazem-no com um conhecimento claro da entrega pessoal que a chamada ao Opus Dei pressupõe e da missão apostólica peculiar que hão de realizar. Solicitam ser admitidos depois de amadurecerem o assunto devagar e livremente; tomam a decisão em consciência, com capacidade

responsável e com conhecimento da sua liberdade para se decidirem ou não, depois de compreenderem os deveres que adquirem ao aceitar o chamamento específico de Deus na sua Obra.

LIBERDADE PARA RESPONDER À CHAMADA DIVINA

39 Não há ninguém mais interessado do que nós em que só venham para o Opus Dei aqueles que tiverem verdadeiramente esta vocação divina específica, e queiram entregar-se e perseverar com plena liberdade: porque é essa a melhor garantia de que, com a ajuda da graça de Deus, serão eficazes.

Ao mesmo tempo, bem sabeis que é próprio do nosso espírito ver com alegria que surjam muitas vocações para os seminários e para as famílias religiosas. Mais ainda, damos graças a Deus, porque não poucas dessas vocações brotam como fruto do trabalho de formação espiritual e doutrinal que levamos a cabo entre a juventude: ao caldear cristãmente o ambiente que nos rodeia, ao torná-lo mais sobrenatural e mais apostólico, promove-se logicamente um maior número de almas para todas as instituições da Igreja.

40 Procedemos assim, com cuidado especial, quando se tratar de vocações para o estado religioso. Desde o primeiro momento da fundação do Opus Dei, vi a Obra como uma instituição cujos membros não podem ser religiosos, nem viver *ad instar religiosorum* – como os religiosos –, nem de forma alguma podem ser equiparados aos religiosos.

E isto não por falta de afeto aos religiosos, que amo e venero com todas as minhas forças; tanto, meus filhos, que posso repetir com absoluta sinceridade, referindo-me a essas almas, as mesmas palavras de São Paulo aos fiéis de Filipos: «*Testis enim mihi est Deus, quomodo cupiam omnes vos*

in visceribus Iesu Christi»⁸⁰; Deus é minha testemunha de quanto os amo, com a afeição de Cristo Jesus.

Veneramos e respeitamos profundamente a vocação sacerdotal e a religiosa, e todo o imenso trabalho que os religiosos realizaram e realizarão ao serviço da Igreja: por isso, não poderá ser bom filho meu quem não tiver esse espírito.

Mas, ao mesmo tempo, repetimos que a nossa chamada e o nosso trabalho – porque são um convite a permanecer no mundo e porque as nossas tarefas apostólicas se realizam *em* e *a partir* das atividades seculares – são totalmente diferentes da vocação e do trabalho confiados aos religiosos.

41 Entregastes-vos ao Senhor com a condição precisa de não mudar de estado – de não ser religiosos, nem pessoas assimiladas a religiosos –, de permanecer no meio do mundo, em perfeita comunhão de vida e de tarefa com todos os outros fiéis do povo de Deus, iguais a vós.

O trabalho que fazemos, a mentalidade e os meios com que o levamos a cabo, as circunstâncias em que o realizamos, e a formação e a ascese específicas que nos preparam para esse trabalho não se dão na abordagem teológica e jurídica do estado religioso.

42 A nossa tarefa é também muito diversa da que normalmente fazem outros leigos em associações ou movimentos de vários tipos, promovidos, mais ou menos diretamente, pela hierarquia ordinária da Igreja, ou por ordens e congregações religiosas. São associações ou movimentos em que não se exige uma dedicação plena ao exercício do apostolado; com um vínculo ténue, quase inexistente ou praticamente nulo, que liga bem pouco os membros à associação; com falta de profundidade – não precisam de mais –, de rigor e de continuidade na formação ascética e doutrinal, que, de

facto, por outro lado, não pode dizer-se que seja indispensável para os seus fins.

Mas, mesmo que tivessem todas essas coisas, faltar-lhes-ia sempre essa união íntima e total entre trabalho profissional e trabalho apostólico que caracteriza fundamentalmente a vocação específica e as específicas exigências ascéticas dos sócios da Obra, com a consequência prática de nem o Opus Dei nem os seus membros precisarem do dinheiro de ninguém, uma vez que se sustentam com o fruto do seu trabalho profissional, ainda que, por outro lado, seja indispensável para o bom desenvolvimento das obras apostólicas que realizamos a generosa colaboração de pessoas, católicas ou não, que, com a sua oração, com o seu trabalho ou com o seu dinheiro, fortaleçam a eficácia.

43 Aqui chegados, parece-me oportuno comentar-vos em concreto algumas das razões que podem explicar – não justificar – a atitude de certas pessoas que talvez não procurem entender o nosso caminho ou que se mostram incapazes de o entender. Assim, ainda que de forma um pouco negativa, tornar-se-ão mais evidentes certas afirmações que definem a nossa espiritualidade e a nossa tarefa apostólica.

Os que estão acostumados a elogiar o artificial, a deleitar-se com coisas estranhas ou falsas e a ignorar a beleza das coisas formosas e genuínas – acham mais belas as flores que não são naturais: quem é que nunca ouviu dizer, como *elogio* a umas rosas frescas e perfumadas: que bonitas, até parecem de tecido! – não conseguirão descobrir com facilidade nas obras apostólicas o que é fruto, maravilhoso mas simples, da graça de Deus, da sua providência ordinária e do trabalho humano esforçado e nobre.

Se estão habituados a trabalhar com espetáculo, com barulho – com abundância de fogos de artifício –, esse estado de espírito, que talvez dure

há vários séculos, pode ter desenvolvido neles uma consciência peculiar, uma mentalidade que os torna ineptos para ver – não para acreditar: podem tocar – que os outros não usam maneiras postiças nem segredos, que procedem com toda a simplicidade e naturalidade, ingenuamente e, portanto, humildemente.

44 Se são superficiais e estão acostumados a desvirtuar, com ligeireza e desconsideração, o sentido legítimo que, em determinadas vocações específicas, podem ter elementos respeitáveis, mas não essenciais à verdadeira procura da perfeição cristã – cores e modelos de hábitos, cerimónias longas e solenes, cordões, correias, crucifixos a tiracolo ou sobre o peito, medalhas à vista, etc., sinais em que se manifesta, com alguma frequência, um certo classismo, lamentado em mais de uma ocasião pela Igreja –, dando-lhes muita importância, essas pessoas, digo eu, sentir-se-ão levadas a duvidar da presença de um verdadeiro caminho de santidade ao darem pela falta absoluta de alguns desses elementos tradicionais.

E, no nosso caso, meus filhos, estão todos em falta; nem sequer há, nem deve haver, uma sigla para o nome da Obra, pelo simples facto de que nada temos que ver com o estado religioso: somos cidadãos correntes, iguais aos outros cidadãos.

Se ignorarem o que significa a *dedicação* completa a um trabalho *profissional* sério, à ciência profana, estão muito longe de dar valor ao alcance e à envergadura do trabalho apostólico que Deus pede aos sócios da Obra e à forma como o fazem.

Se estiverem habituados a servir-se da Igreja para fins da sua vaidade pessoal, a mandar desenfreadamente, a atropelar, a intrometer-se em tudo, serão em princípio inimigos de qualquer atuação em que, precisamente, o

seu desejo de dominar seja limitado, porque considerarão que atenta contra a sua autoridade e talvez também contra os seus interesses económicos.

45 Também não podemos estranhar, meus filhos, embora seja doloroso comprová-lo, que haja quem inconscientemente constitua o entorno natural dessas pessoas a que acabo de aludir, deixando-se levar por lugares-comuns – que é necessário derrubar, porque limitam e condicionam a ação divina e a vitalidade da Igreja – e por preconceitos que nascem do erro, da falta de doutrina.

Essas pessoas a que agora me refiro, ainda que honestas, não conseguem ver a retidão e a legitimidade de um horizonte de aspirações nobres tão aberto como o que a Obra oferece diante dos seus olhos; mesmo que sejam boas, não resistem ao matraquear da informação unilateral ou errada, proveniente de pessoas aparentemente respeitáveis; ainda que sejam incapazes de fazer o mal, não fazem o bem, por medo dos poderosos; embora sejam inteligentes e até doutas, não se apercebem da eficácia do serviço a Deus e à sua Igreja que se desenrola à sua frente, nem da doutrina teológica que o sustenta, nem da norma jurídica que exige.

46 Nada disto, filhas e filhos meus, tem importância alguma. Se fiz questão de me referir a essas dificuldades, foi só porque considerá-las nos ajuda – por contraste – a delinear melhor os traços característicos do nosso espírito. De resto, rezai com confiança filial no nosso Pai Deus, desculpai todos e esperai.

Quando o céu julgar chegada a hora, fará com que abramos – na organização do apostolado na Igreja – o caminho por onde deverá fluir aquele rio caudaloso que é a Obra, e que, nas circunstâncias atuais, não dispõe ainda de um lugar adequado onde assentar: será tarefa árdua, penosa

e dura. Haverá que ultrapassar muitos obstáculos, mas o Senhor ajudar-nos-á, porque tudo na sua Obra é sua Vontade.

Rezai. Vivei unidos à minha oração contínua: «*Domine, Deus salutis meæ: inclina aurem tuam ad precem meam*»⁸¹. Dizei comigo: Senhor, Deus Nosso Salvador, escuta a nossa oração. Sem vos faltar nunca a convicção profunda de que as águas passarão através dos montes: «*Inter medium montium pertransibunt aquæ*»⁸². São palavras divinas: as águas passarão.

Entretanto, fazei o propósito de pôr em prática, como eu fiz, o convite que recolhi há pouco em Burjasot, durante uns dias de pregação a um grupo de estudantes universitários –alguns de vós sois já meus filhos– que se preparavam para melhorar a sua vida cristã. Por cima de uma porta, reli com gosto uma inscrição que dizia: «Cada caminhante siga o seu caminho». Isto é o que temos de fazer: esforçarmo-nos, cada vez com maior empenho, por conhecer bem o caminho específico a que Deus Nosso Senhor nos trouxe, e por segui-lo fielmente.

O NOSSO APOSTOLADO É UMA GRANDE CATEQUESE

47 Ao aprofundar o conhecimento da nossa vocação, ao considerar o valor e as possibilidades desta nossa forma peculiar de levar a mensagem evangélica aos homens, salta à vista, filhas e filhos meus, que, sendo assim e trabalhando assim, a Obra inteira equivale a uma grande catequese, feita de forma viva, simples e direta no coração da sociedade civil.

Na verdade, esse apostolado doutrinal está a fazer muita falta, inclusivamente em grupos sociais e em países de antiga tradição cristã, onde a ignorância religiosa cresce de dia para dia. Poderia muito bem dizer-se que o maior inimigo de Deus – porque se ama a Deus depois de O

conhecer – é a ignorância: origem de tantos males e grande obstáculo para a salvação das almas.

O que a Escritura nos narra – «nem sequer ouvimos dizer que existe o Espírito Santo»⁸³ – é bem o retrato vivo da falta de uma doutrina clara na mente de muitos homens, de muitos cristãos; de pessoas pouco instruídas e de outros que têm fama de sábios em ciências humanas; de homens com prestígio na sua profissão, ou que exercem cargos em governos.

E, com a ignorância, brota a confusão, promovida também por todos os meios de difusão oral e escrita – meios rápidos, capilares –, pelos inimigos da Igreja ou por pessoas imprudentes, através de iniciativas, expressões e costumes aparentemente inócuos, mas que contêm erros ou induzem ao erro.

48 Tal como a ajuda aos que estão doentes, aos que são pobres, é uma esmola material, a ajuda aos que têm pobreza de doutrina é também esmola: esmola, caridade espiritual, que temos de distribuir oportunamente a mãos cheias.

É preciso dar doutrina, para afogar o mal em abundância de bem. A verdade não pode ser um artigo de luxo⁸⁴. Há que semear abundantemente entre os fiéis a boa doutrina, a doutrina segura – com a convicção de que aquilo que o Magistério propõe como verdade da fé permanecerá inabalável –, dando e ensinando a liberdade sobre o que é opinável.

Semear, meus filhos, com clareza, sem ambiguidades; porque não podemos permitir que impere o ceticismo prático: a verdade é só uma. Com *dom de línguas* – costume dizer-vos, recordando com alegria a vinda do Espírito⁸⁵ –, que sabe sempre adaptar-se à condição, à capacidade e à formação de quem escuta, e que é fruto da preparação adequada de quem fala, e do amor e da fé com que realiza essa tarefa apostólica⁸⁶.

49 Ao desejo que tendes de melhorar continuamente a vossa formação, à vossa vontade de aprender, a Obra corresponde proporcionando-vos, na medida e na forma que requerem as circunstâncias pessoais de cada um, um conhecimento preciso do dogma e da moral, da Sagrada Escritura e da liturgia, da história e do direito da Igreja; para que possais mais facilmente elevar os conhecimentos humanos ao plano sobrenatural e convertê-los em instrumento de apostolado.

Mas tendes de adquirir também a preparação profissional adequada – cada um a que é própria da sua ocupação na sociedade, da sua profissão publicamente conhecida, intelectual ou manual –, para poderdes realizar com eficácia esse apostolado da doutrina através da vossa atividade pessoal, do vosso trabalho habitual.

Difícilmente poderá o trabalho ser santificado se não for feito com perfeição também humana; sem essa perfeição humana, dificilmente (para não dizer de forma nenhuma) poderá alcançar-se o prestígio profissional necessário, a cátedra a partir da qual se ensina os outros a santificar esse trabalho e a adaptar a vida às exigências da fé cristã.

50 É necessário, por isso, disponibilizar todos os meios necessários para alcançar essa boa instrução profissional e conseguir que se mantenha atualizada. Temos os mesmos direitos e as mesmas possibilidades que qualquer outro cidadão: frequentamos instituições de ensino, públicas ou privadas, que ofereçam as melhores garantias para obter essa boa preparação cultural, tanto para um trabalho intelectual como para o exercício de um ofício manual.

Àquele que puder ser sábio, não lhe perdoamos que não o seja; mas não é preciso, nem necessário que todos o sejam. Pelo contrário, é necessário que todos os sócios do Opus Dei sejam doutos, competentes no seu trabalho

profissional, com prestígio de retidão e de ciência, ou de arte, entre os seus colegas.

51 «*Cæpit Iesus facere et docere*»⁸⁷, Jesus começou a fazer e a ensinar: é preciso ensinar dando o exemplo, meus filhos. As pessoas acreditarão na vossa doutrina quando virem as vossas boas obras⁸⁸, a vossa maneira de agir. O bom exemplo arrasta sempre. Mas, para ser eficaz, tem de ser consequência da simplicidade e da naturalidade com que os sócios da Obra sabem viver aquilo que ensinam.

É uma afirmação feita por cristãos comuns, no exercício íntegro e responsável da sua profissão ou ofício, no cumprimento fiel de todos os seus deveres cívicos, na prática – que também é dever – de todos os seus direitos, no modo de enfrentar e resolver os problemas do dia a dia e as fadigas da vida no mundo: numa palavra, através de todas as suas relações humanas, inspiradas e vividas de forma cristã, com um motivo sobrenatural, por amor a Deus e ao próximo.

Por ser esse o exemplo que tem de dar, talvez de longe, à distância, um sócio da Obra nunca chamará a atenção; mas, quem se aproximar dele, quem tiver de lidar com ele, não tardará muito a poder dizer: *aqui está Cristo*. Porque se sentirá comovido com aquele *Christi bonus odor*⁸⁹ que é a fragrância de uma alma em contínua relação com o Senhor.

LUZ CRISTÃ

52 Cada um dos sócios do Opus Dei, no seu lugar, no seu posto de trabalho, deve dar com sinceridade, sem subterfúgios nem táticas, a luz cristã que o povo e a rua esperam, porque nós somos para a rua e para o povo.

O gesto, o olhar, a maneira de falar, o modo de ver e de fazer as coisas, a relação com os outros e, em geral, toda a vida e o comportamento dos membros da Obra devem estar acompanhados por essa simplicidade que nasce de ser igual aos outros. No dia em que pensassem falsamente que não éramos como eles, a rua e o povo tornar-se-iam impermeáveis para nós e já não poderíamos servir as almas.

53 É assim que a Igreja estará presente, de forma verdadeira e simples, em todas as tarefas dos homens: com o testemunho pessoal de filhas e filhos seus, leigos normais, que não são fradescos, nem fazem fradices, que tornam viva e ativa a presença da mensagem cristã.

Apostolado do exemplo realizado com mentalidade laical, através de pessoas que vivem do seu trabalho, e que, por isso, não representam nenhum encargo económico para a Igreja, a quem servem generosamente, sem esperar gratificação ou compensação humana de qualquer tipo.

Haveis de viver e haveis de desempenhar a vossa tarefa com a retidão e nobreza daqueles que, na sua atuação, fazem valer a sua cidadania e a sua preparação profissional, e não o seu catolicismo, nem o recurso a nomes de santos ou ao adjetivo «católico»; com a alegria sobrenatural e o otimismo humano de quem está profundamente convencido de que o cristianismo não é uma religião negativa e marginalizada, mas uma afirmação alegre em todos os ambientes do mundo: a única doutrina onde todas as instâncias nobres da vida terrena encontrarão uma base sólida e um progresso seguro.

54 Apoiados nesse exemplo de desapego franco e eficaz – tornado possível e alimentado pela nossa relação contínua com Deus Pai, pela nossa devoção a Santa Maria, pelo amor à Igreja e ao Romano Pontífice, pela oração e pela mortificação –, procurareis cultivar a amizade com os vossos

colegas de profissão e com as pessoas com quem, por qualquer outro motivo, tenhais de lidar.

Agireis dessa forma, filhas e filhos meus, não certamente para usar a amizade como tática de penetração social: isso faria com que a amizade perdesse o seu valor intrínseco; mas como uma exigência – a primeira e mais imediata – da fraternidade humana, que nós, cristãos, temos obrigação de fomentar entre os homens, por mais diferentes que sejam uns dos outros.

E, ao mesmo tempo, por amor a Deus: porque a amizade facilita a confiança; e, assim, torna possível o apostolado da doutrina, a aproximação ao Senhor das almas desses amigos a quem desejamos bem.

55 Não faltará até quem, como Nicodemos – que de noite foi ter com Jesus⁹⁰ –, procure na discreta simplicidade da amizade, escondida da curiosidade indiscreta das pessoas, a maneira de vencer os respeitos humanos e de procurar a verdade divina, que anseia dentro de si.

Pode bem dizer-se, filhos da minha alma, que o maior fruto do trabalho do Opus Dei é o que obtêm os seus membros *pessoalmente*, com o apostolado do exemplo e da amizade leal para com os seus colegas de profissão: na universidade ou na fábrica, no escritório, na mina ou no campo.

É um trabalho de irradiação, de exemplo e de doutrina, constante, humilde, silencioso, mas muitíssimo eficaz, cujos frutos dificilmente podem vir refletidos em estatísticas.

56 Esse trabalho apostólico é tão humano que – para quem não compreender a natureza sobrenatural do nosso chamamento divino, tão ligado ao exercício do trabalho profissional, ou para quem pensar que, para se dedicar totalmente a Deus, é preciso deixar de ser pessoas comuns –

pode até dar a impressão de que os sócios da Obra são pessoas estranhas, precisamente pelo facto de o não serem: pelo facto de serem tão normais, tão iguais em tudo aos seus concidadãos, aos seus colegas de ofício ou de profissão.

Com efeito, os sócios da Obra vivem, vestem-se e trabalham como corresponde à posição social que, em função do seu trabalho, cada um ocupa; e têm a capacidade natural de se adaptar, como os outros cidadãos, às justas exigências e circunstâncias do ambiente, com simplicidade e sinceridade de conduta, ou seja, comportam-se exteriormente como os outros cristãos, da forma como se comportariam se não pertencessem à Obra.

57 Não se trata, pois, de encobrir a própria personalidade ou condição; nem de manter uma determinada aparência exterior que não é a que lhes corresponde, a que lhes é conatural; nem de agir assim por estratégia apostólica; nem de adotar camuflagens desnecessárias.

Essas aberrações ou hipocrisias não são possíveis na Obra; quando muito, podem ocorrer com pessoas que tentam disfarçar-se de leigos, ou de alguma forma aparentar que não são religiosos e se *secularizam* – conheci algumas –, talvez por tática apostólica: uma tática indubitavelmente perigosa, que poderia tornar-se – porque a sinceridade reclama sempre os seus direitos – uma verdadeira apostasia do estado religioso, organizada com técnicas de perversão intelectual e de costumes.

58 «Louvai a Deus e agradecei-Lhe; exaltai-O e apregoai a todos os viventes o que fez por vós; se é bom guardar o segredo do rei, é coisa louvável apregoar as obras de Deus»⁹¹. Nós, filhas e filhos, nada temos a encobrir ou ocultar; a espontaneidade da nossa conduta e do nosso comportamento não pode ser confundida por ninguém com o segredo.

Nunca tive segredos, nem os tenho, nem os terei. E a Obra também não os tem: não ficaria bem que os tivesse e eu, que sou o fundador, não o soubesse. O segredo é desnecessário para o Opus Dei: nunca precisou dele, não precisa dele agora, nem jamais precisará dele. O tesouro que Deus depositou em nós, a luz que temos para comunicar, é *um segredo em voz alta*: porque temos a obrigação, a missão divina, de o proclamar aos quatro ventos.

NATURALIDADE E HUMILDADE PESSOAL E COLETIVA

59 Mas não esqueçais que este modo simples e natural de viver a nossa vocação se complementa perfeitamente com a sensata discrição sobrenatural que a eficácia do trabalho e, sobretudo, a humildade pessoal e a humildade coletiva requerem: especialmente agora, nestes primeiros tempos da Obra, que são tempos delicados de gestação.

A intimidade da entrega pessoal a Deus e a intimidade da nossa família não são coisas para andar a apregoar pela rua, nem para satisfazer a curiosidade do primeiro bisbilhoteiro agressivo que vier bater-nos à porta: a nossa ingenuidade tem de andar aliada à prudência.

60 Meditai, filhos, estas palavras claras e maravilhosas de São Paulo: «Este é o nosso motivo de glória: o testemunho da nossa consciência de termos procedido, no mundo, com a simplicidade e a sinceridade que vêm de Deus»⁹². Esta é a glória da Obra, e isto é o que cada um de nós há de procurar viver, seja qual for a situação e circunstância em que se encontre.

A simplicidade e a naturalidade sincera do nosso espírito brilharão bem no mundo, perante os homens, se vos esmerardes por ser filialmente simples e sinceros no relacionamento com Deus, se continuamente

procurardes pôr os vossos pensamentos, as vossas palavras e as vossas obras de acordo com a Verdade.

61 Sinceros também e simples com quem tem, na Obra, a missão de vos dirigir e de vos formar, para que vos possam conduzir e ajudar com afeto, com firmeza, com compreensão e com eficácia. Sinceros com delicadeza, mas *selvaticamente sinceros*.

Sem temor de qualquer espécie para manifestar tudo o que possa facilitar essa direção que vos conduz a Deus, melhora o vosso espírito e a vossa formação, cura de imediato quaisquer feridas e corrige a tempo qualquer desvio, por mais grave que for, ou puder parecer: não esqueçais nunca que a única coisa verdadeiramente grave seria ocultar essa ferida, ou esse desvio, a quem é médico, guia e pastor.

Por último, sinceridade na nossa *vida de família*. Porque o comportamento espontâneo e aberto é um meio muitíssimo eficaz para tornar amável e verdadeiramente cordial o vosso relacionamento, e para facilitar que vos possais ajudar sempre: também com a correção fraterna quando for necessário.

PROMOVER A PAZ E A UNIDADE

62 O apostolado da Obra – precisamente por estar impregnado de uma fraternidade real –, ao fomentar a compreensão recíproca, tende a criar à nossa volta um ambiente de paz e de convivência serena que remova os possíveis obstáculos – ainda são tantos! –que se opuserem à unidade dos homens entre si e com o Senhor.

Por isso, é alheio ao espírito da Obra tudo o que constituir uma limitação, uma diminuição provinciana ou egoísta, da visão cristã do mundo, dos homens e das coisas. Fazemos nossos os ensinamentos de São

Paulo aos Coríntios, referindo-se à unidade da Igreja, figura da unidade de todo o género humano: «Num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito»⁹³.

63 Esta índole verdadeiramente católica do Opus Dei exige que tenhamos um espírito grande e universal, capaz de tirar muitas coisas boas do tesouro do nosso coração – «*de bono thesauro profert bona*»⁹⁴ – para superar e derrubar as inúmeras barreiras mentais e psicológicas que os homens erguem à fraternidade dos filhos de Deus.

Uma dessas barreiras – talvez a mais perniciosa nesta época histórica do mundo – é o nacionalismo, que dificulta a compreensão e a convivência, é incompatível com o amor verdadeiro à própria pátria e é um grande obstáculo à procura do bem comum da sociedade humana.

E o maior exagero, a dificuldade mais prejudicial, seria levar esse nacionalismo às coisas de Deus, onde principalmente há de resplandecer a união de tudo e de todos, no amor de Jesus Cristo⁹⁵.

64 A realidade dessa união na caridade cristã há de manifestar-se com obras – em toda a esfera da sociedade dos homens – e não admite o classismo, ainda menos o espírito de casta ou de seita: «Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos são um em Jesus Cristo»⁹⁶.

Alcançar essa unidade e fazê-la permanecer é tarefa difícil, que se alimenta de atos de humildade, de renúncias, de silêncios, de saber escutar e compreender, de saber interessar-se nobremente pelo bem do próximo, de saber desculpar sempre que for preciso: de saber amar verdadeiramente, com obras.

Nós temos de contribuir para essa grande tarefa cristã com um empenho apostólico decidido, fazendo com que todos os que se aproximam da Obra se sintam movidos a trabalhar a favor dessa unidade que conduz à convivência e ao bem-estar humano, espiritual e material.

65 Na Igreja e na sociedade civil não há fiéis, nem cidadãos, de segunda categoria. Tanto no campo apostólico como no temporal, são arbitrárias e injustas as limitações à liberdade dos filhos de Deus, à liberdade das consciências ou às iniciativas legítimas. São limitações que procedem do abuso de autoridade, da ignorância ou do erro dos que pensam que podem permitir-se o abuso de fazer discriminações nada razoáveis.

Esse modo injusto e antinatural de proceder – porque vai contra a dignidade da pessoa humana – não pode ser nunca um caminho para conviver, já que abafa o direito do homem de agir de acordo com a sua consciência, o direito de trabalhar, de se associar, de viver em liberdade dentro dos limites do direito natural.

O NOSSO ESPÍRITO LEVA-NOS A RESPEITAR TODAS AS PESSOAS

66 Filhas e filhos, somos amigos de trabalhar pacificamente com todos, precisamente porque estimamos, respeitamos e defendemos, em todo o seu enorme valor, a dignidade e a liberdade que Deus deu à criatura racional desde o momento da criação; e mais ainda desde que esse mesmo Deus não hesitou em assumir a natureza humana, e a Palavra Se fez carne e habitou entre os homens⁹⁷.

Daí que o nosso empenho em lidar com todas as pessoas – nada nos é indiferente, porque também não o foi para Cristo – deva ser sempre presidido por uma extrema delicadeza humana, que supere as meras formas sociais, uma vez que é uma manifestação da nossa própria fé.

Assim se compreende bem que esse espírito da Obra há de atrair o afeto e a ajuda de tantos não-católicos e até de não-cristãos, entre os quais havereis de viver, tendo-os como colegas de trabalho, como amigos fiéis.

67 Caminhemos em verdade e em caridade: a nossa fidelidade leal ao depósito da fé, ao Magistério da Igreja, fará de nós portadores de verdade, «*veritatem facientes in caritate*»⁹⁸, ensinando a doutrina do Evangelho com a caridade de Jesus Cristo.

Quando não se puder transigir, a intransigência deve ser santa e, por isso, sê-lo-á com a doutrina, não com as pessoas: de outro modo, não poderemos levá-las a Deus e nem sequer nos seria fácil tratá-las fraternalmente, como exige a nossa condição de cristãos. Não se pode ceder naquilo que é de fé; mas não esqueçamos que, para dizer a verdade não é preciso maltratar ninguém.

Se alguma vez, excepcionalmente, por atrevimento e violência do interlocutor, for preciso dizer as coisas de forma enérgica, nesse caso, para evitar que as nossas palavras firam – «*irascimini et nolite peccare!*»⁹⁹, ainda que falemos com dureza, não nos deixemos levar pela paixão –, será necessário derramar logo em seguida sobre as feridas o bálsamo da caridade, e curar, restabelecer, explicar que naquele momento concreto foi preciso proceder assim.

68 Maior ainda, se possível, tem de ser esse respeito por cada pessoa e pela sua liberdade quando se tratar de confrontos em questões discutíveis. Há entre os homens, infelizmente, tanta tendência para o totalitarismo, a tirania, o fanatismo das opiniões próprias em matérias discutíveis, que temos de nos esforçar muito para dar exemplo – em toda a parte – do nosso amor à liberdade pessoal de cada um.

Sempre fiz comigo mesmo este raciocínio, que vós também deveis fazer e ensinar aos outros: se o Senhor deixou tantas coisas à livre discussão dos homens, porque há de ser meu inimigo um homem que pensa de maneira diferente de mim?

Se não tivermos as mesmas ideias e ele me convencer, aceitarei a sua opinião; se for eu a convencê-lo, pensará ele como eu; se nenhum dos dois convencer o outro, poderemos sempre respeitar-nos, querer-nos bem e conviver em paz.

69 «*Tribue sermonem compositum in ore meo*»¹⁰⁰, põe na minha boca palavras apropriadas na presença de quem te contradiz. Da disputa violenta – da discussão – não nasce a luz: impede-o a paixão. Por isso, é preciso saber escutar o interlocutor e falar serenamente, ainda que isso às vezes exija um esforço interior de domínio, de mortificação meritória, porque nesse ato há já uma razão sobrenatural que o valoriza.

Não tenhais dúvidas de que às vezes se acredita que se tem toda a razão e só se tem uma razão parcial e relativa; um objeto que para uns é côncavo, para outros é convexo: depende apenas do ponto de vista. É justo, por isso, estudar com calma, friamente, as razões dos outros, e pôr-nos mentalmente na posição de quem nos contradiz.

70 Vivendo em amizade com Deus (a primeira que devemos cultivar e aumentar), sabereis fazer muitos e verdadeiros amigos¹⁰¹: o trabalho que o Senhor fez e faz continuamente connosco, para nos manter nessa sua amizade, é o mesmo trabalho que quer fazer com muitas outras almas, servindo-Se de nós como instrumentos. Já vos disse, filhos, que acredito na amizade humana: «*Amico fideli, nulla est comparatio*»¹⁰², nada se pode comparar a um amigo fiel. A amizade é um tesouro, que temos de estimar

no seu grande valor humano e aproveitar também como meio para levar almas para Deus.

Posso dizer-vos que me sinto amigo de toda a gente, como vos deveis sentir vós, porque procuramos o bem de todas as almas, sem exceção.

Por muito afastado que alguém esteja do Senhor, por muito que manifeste a sua inimizade, havemos de pensar, com Santo Agostinho, que «não devemos desesperar da sua conversão, porque mesmo entre os que são abertamente adversários se ocultam amigos predestinados, embora nem eles o saibam»¹⁰³.

A AMIZADE INSTAURA UM CLIMA DE CONFIANÇA

71 O amigo verdadeiro não pode ter, para o seu amigo, duas caras: a amizade, se há de ser leal e sincera – «vir duplex animo inconstans est in omnibus viis suis»¹⁰⁴, o homem falso, com duplicidade, é inconstante em tudo –, exige renúncias, retidão, troca de favores, de serviços nobres e lícitos. O amigo é forte e sincero na medida em que, de acordo com a prudência sobrenatural, pensa generosamente nos outros, com sacrifício pessoal.

Do amigo espera-se correspondência ao clima de confiança que se estabelece com a verdadeira amizade; espera-se o reconhecimento do que somos e, quando for necessária, também a defesa clara e sem paliativos: porque, como li há tempos num texto castelhano, «quando o amigo defende ou louva tibiamente, é, sem exceção, a maior testemunha que confessa claramente que não encontra aspetos a louvar nem razão para defender: porque, se os houvesse, quem melhor que um amigo os defenderia ou festejaria?»

Podeis dizer-me: os amigos, por vezes, atraíam. No entanto, agindo sempre com retidão de intenção, com sentido sobrenatural, as possíveis surpresas não podem preocupar-vos nem desanimar-vos, nem essas exceções devem travar o vosso desejo eficaz de ter uma inclinação nobre, limpa e afetuosa, para todos.

72 É verdade que é melhor confiar em Deus do que nos homens, «*bonum est confidere in Domino, quam confidere in homine*»¹⁰⁵. Por isso vos digo: depositai a vossa confiança sobretudo em Deus, mas tende também confiança nos vossos irmãos. Com a vossa caridade, com a vossa compreensão, semeando sempre, com a devida prudência – mas a mãos cheias –, a segurança à vossa volta, tornai difícil, impossível, que as pessoas não se sintam obrigadas a corresponder à aberta caridade do vosso trato.

Ao mesmo tempo, através deste apostolado da confiança e da amizade, metei-vos, com o respeito e o amor que professamos à liberdade das consciências, na vida dos outros – como Cristo se meteu na nossa – e fazei proselitismo incansavelmente, para que não haja nenhuma pessoa com vocação para a Obra que possa desculpar-se como os trabalhadores ociosos da parábola: «*quia nemo nos conduxit*»¹⁰⁶, porque ninguém lhes disse nada.

Pensai, além disso, que temos o direito e o dever de garantir, a esta nossa maravilhosa Família, todos os filhos que o Senhor tem designados desde a eternidade: para que perdure enquanto houver homens sobre a terra, para que Jesus Cristo tome posse de tantas almas, que têm fome e sede de Deus¹⁰⁷.

DA VIDA DA OBRA NASCERÁ O CAMINHO JURÍDICO

73 Estou a acabar, meus filhos. Dizia-vos no início desta carta que a minha intenção era só recordar alguns pontos do espírito sincero e simples

que o Senhor, Bondade infinita – que dá remédio à pequenez dos instrumentos que utiliza –, me deu para vós. Deus, nosso Pai, quer que aprendais bem este espírito, que o tornemos profundamente nosso, que o vivamos.

Será esta vida – a vida da Obra – que abrirá, a seu tempo, o necessário caminho jurídico, a norma do direito que esperamos com confiança. As plantas, que nascem de baixo, como o Opus Dei, têm de abrir caminho por si mesmas, com a suave violência da vida, protegidas pelo cuidado e pela solicitude do jardineiro – o nosso é Jardineiro divino –, que fornece alimento às raízes e assegura o crescimento necessário, ao ar livre e à luz do sol.

74 As características tão peculiares desta nossa vocação exigem o enunciado e a resolução, com fórmulas adequadas, de muitos problemas de carácter teológico, ascético, jurídico, que necessariamente hão de custar tempo e dar que fazer; também porque muitas pessoas, mesmo com boa vontade e com uma determinada competência nas diversas manifestações do apostolado e da vida da Igreja, vão demorar a compreender-nos: já vo-lo disse.

Mas, sobretudo, porque esta realidade social e apostólica que Deus promoveu no seio da Igreja suscita problemas que são muito diferentes – também no modo de os formular – dos problemas próprios do estado religioso; e mesmo quando por vezes possa parecer, àqueles que não compreenderem o nosso caminho, que algumas questões são comuns, as soluções hão de ser inevitavelmente diferentes.

75 Convencidos como estamos da natureza sobrenatural da Obra de Deus, temos de conseguir que a forma jurídica responda plenamente ao espírito que estamos a viver. Não podemos vestir um fato alheio, temos de

vestir um fato feito à medida, sem que esta necessidade pressuponha, de modo algum, o desejo de sobressair; é a condição indispensável para assegurar a nossa vida interior, para a nossa própria perseverança e para a autêntica eficácia espiritual da Obra no serviço da Igreja.

Só assim poderemos corresponder generosa e fielmente à vocação específica que recebemos; só deste modo será factível cumprir a tarefa que nos foi confiada, com meios ascéticos e através de formas apostólicas que correspondam plenamente aos fins próprios da nossa vocação. Digo, portanto, a cada um de vós: «Caminhante, não há caminho; o caminho faz-se caminhando»¹⁰⁸.

Desta maneira, evitar-se-á também que, por temor, por pensar que vimos *competir* com outras instituições apostólicas que trabalham na Igreja, um temor absolutamente infundado, haja – estamos a sofrê-lo – quem se sinta movido a pôr obstáculos ao nosso trabalho, opondo-se à nossa liberdade de filhos de Deus e comprometendo a admirável unidade e variedade do apostolado da Igreja, riqueza multiforme do Espírito do Senhor.

76 O céu está empenhado, meus filhos, em que a Obra se realize. As dificuldades humanas – pensai, por exemplo, na dolorosa experiência dos três anos de guerra civil em Espanha; ou na nova guerra mundial, que parece ameaçar a expansão da Obra em outros países e em outros continentes – são dificuldades que não puderam nem poderão travar o vigor e o alcance da nossa tarefa sobrenatural.

Nem sequer a absoluta pobreza em que vivemos, a falta ocasional dos meios humanos mais indispensáveis, são obstáculos ou dificuldades que valha a pena considerar; constituem antes um poderoso estímulo e um

acicate, porque esta escassez de recursos representa mais uma prova externa de que estamos verdadeiramente a seguir as pegadas de Cristo.

Menos ainda nos poderão deter ou diminuir a firmeza do nosso passo – vamos ao passo de Deus – as dificuldades de compreensão que o nosso caminho possa encontrar, porque ninguém pode travar uma impaciência santa, divina, por servir a Igreja e as almas.

Aumentai, pois a vossa fé e confiança em Deus. E tende também um pouco de fé e de confiança no vosso Padre, que vos assegura que procedeis na verdade, obedecendo à Vontade de Nosso Senhor, e não à fraca vontade de um pobre sacerdote... *que não queria*, que não pensou nem desejou nunca fazer uma fundação.

77 Escutai o que o Senhor faz dizer a São Paulo: «Por isso, investidos neste ministério que nos foi concedido por misericórdia, não perdemos a coragem, mas repudiamos os subterfúgios vergonhosos, não procedendo com astúcia nem adulterando a palavra de Deus, antes, pela manifestação da verdade, recomendando-nos à consciência de todos os homens diante de Deus.

Se, entretanto, o nosso Evangelho continuar velado, está velado para os que se perdem, para os incrédulos, cuja inteligência o deus deste mundo cegou, a fim de não verem brilhar a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é imagem de Deus.

Pois não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor, e nos consideramos vossos servos, por amor de Jesus. Porque o Deus que disse: “Das trevas brilhe a luz” foi quem brilhou nos nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo»¹⁰⁹.

78 Portanto, filhas e filhos da minha alma, rezai e sede fiéis – «multum enim valet deprecatio iusti assídua»¹¹⁰ –, que a oração vale muito, e foi e há de ser sempre a nossa grande arma. Trabalhai e estai alegres, serenos, seguros, na correspondência à vossa vocação, ao espírito simples e sincero do Opus Dei: «*filii lucis estis et filii diei*»¹¹¹, todos sois filhos da luz e filhos do dia, e, no meio da claridade da rua, caminhamos ao resplendor do sol.

Quando penso em vós e nos vossos desejos de fidelidade – e tenho-vos continuamente presentes! –, sinto necessidade de repetir, com palavras da Sagrada Escritura: «Tenho muita confiança em vós e de vós muito me orgulho. Estou cheio de consolação e transbordo de alegria no meio de todas as nossas tribulações»¹¹².

Que bom é o Senhor, que nos procurou, que nos fez conhecer esta maneira santa de ser eficazes, de entregar a vida com simplicidade, de amar todas as criaturas em Deus e de semear paz e alegria entre os homens! Jesus, que bom que és, que bom!: «*Iesu, Iesu, esto mihi semper Iesus!*»

Peço a Deus, meus filhos, que essa alegria e essa paz, em união com Jesus Cristo, Nosso Senhor, e com Santa Maria, nossa Mãe, vos acompanhem sempre.

Abençoa-vos no Senhor o vosso Padre.

Madrid, 11 de março de 1940

[Voltar ao índice](#)

GLOSSÁRIO

de alguns termos e expressões usados por São Josemaria

administração: conjunto de tarefas de assistência e cuidado às pessoas, dirigidas pelas mulheres do Opus Dei, com o objetivo de criar um verdadeiro ambiente de lar cristão através desse trabalho profissional, que é também um caminho de santificação e de apostolado (n. 5,30; 7,60).

alma sacerdotal: conceito essencial no pensamento de São Josemaria, para quem todo o cristão pode e deve exercer o sacerdócio comum dos fiéis em múltiplos aspetos da sua vida habitual, oferecendo o seu trabalho a Deus, em união com a Eucaristia, e orientando a própria vida para o serviço e a salvação eterna dos outros, com o desejo de santificar todas as tarefas terrenas. Para evitar o perigo do clericalismo, São Josemaria ligou inseparavelmente este conceito ao de «mentalidade laical» (cf. n. 53) (n. 11, 13).

apostolado de não dar: expressão, aparentemente paradoxal, que São Josemaria utilizava pelo menos desde 1931 e que aparece no n.º 979 de *Caminho*. Para ele, significa ajudar quem se aproxima de Deus e das obras apostólicas a ter a atitude de «dar», melhor ainda, de «entregar-se» a Deus, e não de «receber» um benefício material ou uma vantagem pessoal. Para estimular a generosidade para com Deus e, ao mesmo tempo, salvaguardar a retidão de intenção. Escrivá pensava que é próprio da condição humana «menosprezar o que custa pouco» (*Caminho*, n.º 979). Por isso, aconselhava a cobrar sempre algo, mesmo que fosse muito pouco,

a quem frequenta as múltiplas obras sociais que o Opus Dei promove entre as pessoas necessitadas: dessa forma, dizia, evita-se humilhá-las e que se sintam sem direitos, como quem recebe algo por caridade (n. 7,48; 8,9).

associações ou movimentos: o panorama atual dessas formas de vida cristã é muito diversificado e, em alguns casos, evoluiu bastante desde que Escrivá escreveu estas cartas. Em certos movimentos dão-se – pelo menos em algumas categorias de membros – as condições de dedicação plena, vinculação estável, formação profunda e rigorosa, etc. que o fundador notava como diferença entre essas realidades e o Opus Dei. O específico da Obra reside, talvez, na união inseparável entre trabalho profissional e apostolado que é essencial dentro do carisma do Opus Dei (n. 42).

atividade laical e secular: refere-se à profissão docente de um membro do Opus Dei, que não ensina apenas movido pelo desejo de realizar um apostolado extremamente eficaz, mas porque deseja exercer a sua profissão, dando glória a Deus. Tal como qualquer outro cristão, pode e deve santificar essa nobre atividade e procurar aproximar os seus alunos de Deus, transmitindo uma visão e um critério cristãos sobre muitos aspetos filosóficos, históricos, éticos, etc., que são objeto do seu ensino. Mas isto não significa que o trabalho profissional não deva reger-se pelos seus próprios princípios humanos, independentemente do apostolado que com ele se realiza. Para Escrivá, a vocação profissional e a vocação à santidade convergem na pessoa, mas são distintas. Aqui encontra-se uma diferença em relação àqueles que, com vocação para a vida consagrada, se dedicam também a esse trabalho. Para São Josemaría, o leigo do Opus Dei não é chamado a trabalhar no ensino como consequência da *sua vocação à santidade*, mas sim *pela sua própria vocação profissional*. Não se trata de um mero apostolado, mas de um trabalho civil que obtém resultados apostólicos. Ele queria que as realidades seculares se elevassem a Deus sem

deixar de ser o que são: trabalho laical de leigos responsáveis e, ao mesmo tempo, atentos à transcendência cristã da sua tarefa (n. 5,7).

Burjasot: São Josemaria encontrava-se nessa localidade para pregar um retiro a estudantes. O episódio é relatado em Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá, Fundador do Opus Dei*, vol. II, Lisboa, Verbo, 2002, pp. 284-285 (n. 46).

(carta) *escrevem a carta*: o pedido de admissão no Opus Dei é feito por escrito, através de uma carta redigida num tom simples e familiar, dirigida ao prelado do Opus Dei (n. 7,27).

centros dirigidos pela Obra: nas «obras corporativas», o Opus Dei responsabiliza-se pela orientação cristã e, nesse sentido, pode dizer-se coloquialmente que *odirige*. Não controla necessariamente a sua gestão, mas inspira os seus valores, vivificando cristianamente essas atividades, proporcionando uma garantia moral e uma assistência pastoral específica e, nesse sentido, pode-se afirmar que *odirigeno* plano espiritual (n. 5,13).

colaboradores: atualmente denomina-se «cooperadores» aqueles que beneficiam da formação cristã da obra de São Gabriel —sem serem membros do Opus Dei— e ajudam com a sua oração, a sua esmola e, por vezes, com o seu trabalho, nas tarefas apostólicas que as pessoas do Opus Dei promovem junto de outras pessoas (n. 5,13; 5,17; 5,19; 5,25; 5,29; 7,11; 7,14; 7,15; 7,53).

(contrato) *simples contrato*: desde que o Opus Dei obteve, em 1982, a configuração jurídica de prelatura pessoal, a incorporação, temporária ou definitiva, dos fiéis realiza-se através de uma declaração formal entre a pessoa interessada e um representante da prelatura, na presença de testemunhas, sobre os direitos e os deveres recíprocos. Embora tal declaração possa justificadamente chamar-se «contrato» ou «convénio» (cf.

constituição apostólica *Ut sit*, de 19 de março de 1983, norma III; Código de Direito Canónico, c. 296), ela estabelece uma relação de comunhão entre o fiel e os restantes membros do Opus Dei, com consequências jurídicas, mas sem alguns dos elementos que poderiam fazer dela um simples «vínculo contratual». Quando São Josemaria escreve esta frase, está a pensar, por aproximação, naquilo que só muito mais tarde, em 1982, será delineado com precisão. A sua perspetiva em relação à formalização do vínculo de cada fiel com a Obra era a de uma fórmula deste tipo, que lhe permitiria afastar-se da tradicional emissão de votos, própria da vida consagrada e devedora de uma prática canónico-teológica que o Opus Dei desejava abandonar quando esta *Carta* foi ultimada (n. 6,10).

(controlo) *o controlo da direção*: refere-se ao facto de que as pessoas formadas no espírito da Obra —normalmente os próprios proprietários ou gestores da entidade em questão— devem poder garantir, com o seu trabalho e influência, que tal instrumento não se desvie da finalidade profissional e apostólica para a qual foi criado, de acordo com os próprios estatutos, como é habitual em múltiplas organizações, católicas ou não (n. 5,18).

(diletantismo) *como amadores*: Escrivá defende que os leigos, pela sua vocação, são chamados por Deus a ocupar-se das questões temporais com profissionalismo e competência. Considerava que aqueles que, movidos por um complexo de superioridade clerical, invadem um campo que não lhes pertence, correm o risco de acabar por demonstrar um diletantismo deplorável. Não ignorava o elevado trabalho académico e científico que tantos religiosos e sacerdotes realizam — alguns deles eram seus amigos, e até mesmo seus filhos, no caso dos sacerdotes — e que, ao longo da história, tornaram compatíveis as suas tarefas eclesíásticas ou religiosas com a obtenção de resultados científicos de altíssimo nível (n. 8,19).

(grupo) *não formamos um grupo*: ou seja, o Opus Dei oferece uma atenção pastoral que procura vivificar o espírito cristão das pessoas, independentemente do meio em que vivem e das preferências, também religiosas ou apostólicas, que tenham. Daí que aqueles que beneficiam dessa ajuda não formem um grupo dentro da Igreja, embora se reforcem entre si os laços de comunhão e fraternidade, pois o objetivo não é fazer crescer uma organização, mas que cada um melhore a sua vida cristã para servir a Igreja onde Deus o chama (n. 7,35).

(leituras) *orientar as suas leituras*: no *Catecismo da Igreja Católica* lê-se que «o primeiro mandamento [do Decálogo] pede-nos que alimentemos e guardemos com prudência e vigilância a nossa fé» (n.º 2088). Daí que seja uma obrigação moral aprofundar os nossos conhecimentos sobre a fé e evitar tudo o que possa pô-la em perigo, pedindo conselho e informando-nos adequadamente sobre as leituras e outras atividades (n. 7,36).

lutemos na nossa vida interior: para São Josemaria, a «luta ascética», ou seja, o progresso espiritual, é motivada pelo amor a Deus e ao próximo, não por um mero desejo de autocontrolo e de aperfeiçoamento pessoal (n. 20).

mentalidade laical: expressão de significado muito rico em São Josemaria, expressa a sua rejeição do clericalismo e, ao mesmo tempo, o seu amor pelo mundo, que Deus deu aos cristãos para que o santifiquem; não deve confundir-se com a «mentalidade laicista» própria daqueles que se opõem a que a religião tenha relevância pública (n. 53).

não haverá opiniões: o parágrafo contém duas ideias que, à primeira vista, poderiam parecer contraditórias. Por um lado, afirma que não haverá *opiniões* «no fundamental», quer dizer, no «pequeno denominador comum» que é constituído pela doutrina da Igreja e o espírito característico da Obra, incluindo o modo peculiar de exercer o apostolado; para o fundador, no

Opus Dei não há lugar para uma divisão em grupos, correntes ou partidos com interpretações próprias desse substrato fundamental. Ao mesmo tempo, a diversidade de pareceres em questões opináveis parece-lhe louvável e desejável no Opus Dei (n. 27).

nem o senhor corregedor o compreende: ou seja, ninguém com bom senso o compreende. O corregedor era um alto funcionário da Monarquia Hispânica, com funções governativas, policiais, judiciais, etc. A anedota parece ter origem na vida estudantil de Salamanca, onde, em meados do século XVIII, vivia um sapateiro sarcástico que —quando via passar em frente à sua oficina um estudante— batia com força na sola, enquanto gritava a plenos pulmões: «Não entendo!» A sua atitude irritante foi denunciada ao corregedor da cidade, que o mandou comparecer para o interrogar. O sapateiro perguntou, por sua vez, se, para saber, não é necessário estudar e se, para estudar, não é necessário recolhimento. O corregedor deu-lhe razão. Então, o sapateiro replicou que via os estudantes de Salamanca a passear e a visitar-se a todas as horas pela rua, pelo que não sabia quando é que estudavam... Daí que lhes recrimine, gritando: «Não percebo!» O juiz replicou: «Pois eu também não percebo.» E a partir desse momento, quando o sapateiro surpreendia um estudante a passear, gritava-lhe ainda mais descontroladamente: «Não percebo! E o senhor corregedor também não percebe!». A anedota aparece relatada no *Album salmantino, semanário de ciências, literatura, belas-artes e interesses materiais*, de 19 de fevereiro de 1854. O editor agradece esta informação a Constantino Ánchel (n. 8,29).

normas: as «Normas de piedade», as «Normas do plano de vida» ou simplesmente, « as Normas», designam o conjunto de práticas de piedade que marcam a vida dos fiéis do Opus Dei (a Santa Missa, a oração mental, o

rezo do Rosário, a leitura espiritual, etc.), ajudando-os a manter um diálogo contínuo com Deus, no meio das suas tarefas (n. 7,6; 7,49; 7,54).

obras de São Rafael e de São Gabriel: são atividades específicas de evangelização e formação cristã que o Opus Dei desenvolve para a juventude (obra de São Rafael) ou para adultos (obra de São Gabriel). São independentes da formação cristã ministrada nas escolas e costumam decorrer em centros juvenis, casas de retiro, etc., embora também, por vezes —no caso dos pais— nas instalações da própria escola, mas fora do horário escolar (n. 5,20).

perfeição cristã: designação dada à procura da união com Cristo, à identificação com Ele própria de qualquer estado de vida, que, para São Josemaria, é a chave da aspiração à santidade cristã; não se deve confundir com o perfeccionismo, nem com a procura de uma excelência espiritual elitista e meramente humana, com as quais pouco tem que ver (n. 24, 25, 26, 44).

proselitismo (proselitista): em São Josemaria, não consiste numa mera captação de adeptos, como hoje é comumente entendida a palavra, mas em ajudar na tarefa, extremamente delicada, do discernimento vocacional, proporcionando luz, doutrina e bom exemplo; e, ao mesmo tempo, acompanhando essa ajuda com abundante oração e sacrifício, para que as pessoas, se Deus as chamar, sejam capazes de responder afirmativamente ao grande dom da vocação divina a seguir Jesus como seus discípulos. Como a obra de São Rafael tende a tornar cada jovem um seguidor de Cristo, uma pessoa identificada com a missão redentora de Nosso Senhor, um apóstolo seu no meio do mundo, independentemente de que se lhe apresente ou não a sua possível vocação para o Opus Dei, São Josemaria diz que «com todos fazemos trabalho de proselitismo» (*Carta 7*, n. 18) (n. 21, 35, 72).

(religiosos) *não convém que trabalhem com os religiosos*: São Josemaría quer encorajar os leigos a trabalharem também em ambientes educativos afastados de Deus, para levar até lá a luz do Evangelho, sem quererem refugiar-se em ambientes oficialmente católicos para desempenhar o seu trabalho. Desejava que as escolas promovidas por pessoas do Opus Dei não se apresentassem como *oficialmente católicas* ou confessionais, mas abertas a crentes ou não, embora os seus valores estejam firmemente inspirados na doutrina de Cristo. Escrivá sempre teve carinho e fortes laços de comunhão com os religiosos, como demonstram tantos testemunhos, mas não queria que os membros do Opus Dei acabassem por ser equiparados a eles, tornando mais difícil —se não impossível— o seu trabalho numa sociedade secularizada (n. 5,9; 5,24).

(religiosos: atividades profissionais) *constituem um impedimento que se há de abandonar*: São Josemaria refere-se àquelas atividades que estão canonicamente proibidas para os religiosos, ou que são incompatíveis com a sua vocação, enquanto para os fiéis da Obra elas são — desde que se trate de tarefas honestas — um campo válido de santificação (n. 22).

selecionados: a «seleção» de que fala é, no fundo, fruto da livre escolha dos jovens, que leva alguns a desejar comprometer-se com Deus, para se formarem cristãmente e levarem uma vida como discípulos de Cristo, da forma que a obra de São Rafael lhes propõe. Esse interesse e essa correspondência pessoal tornam-nos «selecionados», como indica São Josemaria, independentemente da sua condição social, das suas capacidades, etc.: «sem distinção de qualquer tipo», salienta ele, sem elitismo (n. 7,2; 7,21).

(sinceridade) *selvaticamente sinceros*: a expressão «sinceridade selvagem» é uma hipérbole muito frequente na pregação e nos escritos de

Escrivá, que significa a coragem de ser transparente para se examinar a si mesmo (n. 61).

vida familiar: entre os membros do Opus Dei existem laços de fraternidade, semelhantes aos de uma família (n. 6,61).

[Voltar ao índice](#)

NOTAS:

[1] cf. Jr 10, 10.

[2] cf. Rm 3, 4.

[3] cf. Jo 14, 6.

[4] Gl 4, 19.

[5] São João Crisóstomo, In Matthæum Homiliæ 1, 5 (PG 57, col. 20).

[6] 1Jo 3, 2.

[7] cf. Gn 2, 1.

[8] Gn 1, 31.

[9] Gl 4, 5.

[10] cf. Rm 6, 4-5.

[11] cf. Ef 1, 9-10.

[12] cf. Cl 1, 20.

[13] Ef 5, 1.

[14] 1Jo 3, 1.

[15] cf. Jo 1, 14.

[16] Jo 1, 4.

[17] cf. Jo 1, 5.

[18] Jo 1, 5.

- [19] cf. 1Jo 4, 8.
- [20] cf. Lc 12, 49.
- [21] 1Jo 1, 3-4.
- [22] 1Co 4, 7.
- [23] 1Jo 1, 8.
- [24] 1Jo 2, 1-2.
- [25] Ef 3, 17-18.
- [26] 1Jo 2, 6.
- [27] 1Jo 2, 7-11.
- [28] cf. Rm 5, 5.
- [29] Jo 17, 23.
- [30] Jo 13, 34.
- [31] Pr 18, 19.
- [32] 2Co 5, 14.
- [33] cf. 1Jo 3, 18.
- [34] cf. 1Jo 4, 20.
- [35] cf. Jo 3, 16.
- [36] Rm 8, 14-17.
- [37] Sl 2, 8.
- [38] 1Co 3, 22-23.
- [39] Mt 5, 14.16.

- [40] Rm 6, 22.
- [41] cf. Lv 6, 12.
- [42] Mt 11, 28.
- [43] Ap 3, 20.
- [44] Ap 22, 12.
- [45] cf. Mt 11, 12.
- [46] Lc 24, 29.
- [47] cf. Jo 17, 22.
- [48] Jo 17, 11.15-16.
- [49] Jo 12, 32.
- [50] cf. Gn 2, 15.
- [51] Mt 5, 48.
- [52] 1Rs 3, 9.
- [53] Cl 3, 23-24.
- [54] Ga 4, 31.
- [55] Ef 2, 19.
- [56] Jo 7, 5.
- [57] Jo 16, 30: «Agora vemos que sabes tudo».
- [58] Ef 5, 8.
- [59] 2Co 12, 9.
- [60] Tertuliano, Apologeticum, 50, 3.

[61] Jo 14, 6.

[62] cf. Mt 16, 24.

[63] cf. 1Co 7, 7.

[64] 1Co 5, 6.

[65] 1Ts 4, 3.

[66] Jo 17, 23.

[67] Mt 6, 18: «O teu Pai, que vê no oculto, há de recompensar-te».

[68] Is 43, 1: «Eu te resgatei, e te chamei pelo teu nome; tu és meu».

[69] Sl 19, 6-7: «Sai (...) a percorrer alegremente o seu caminho, como um herói. Sai de uma extremidade do céu e, no seu percurso, alcança a outra extremidade. Nada escapa ao seu calor».

[70] Sl 77, 15: «Tu és o Deus que realiza maravilhas, manifestaste entre as nações o teu poder».

[71] Tg 1, 16-17.

[72] Ez 1, 14: «e os seres viventes iam e voltavam semelhantes a raios».

[73] Ct 7, 13.

[74] Mt 13, 52.

[75] Jo 3, 8.

[76] Sl 25 3: «os que esperam em Ti não serão confundidos».

[77] Sl 103, 5: «É Ele quem cumula de bens a tua existência e te rejuvenesce como a águia».

[78] Sl 96, 1.

[79] São Justino, *Apologiae pro Christianis* I, 14.

[80] Flm 1, 8.

[81] Sl 88, 2-3.

[82] Sl 104, 10.

[83] At 19, 2.

[84] cf. Mt 11, 25.

[85] cf. At 2, 4-6.

[86] cf. Jo 7, 38.

[87] At 1, 1.

[88] 2Pd 1, 10.

[89] 2Co 2, 15.

[90] cf. Jo 3, 1-3.

[91] Tb 12, 6-7.

[92] 2Co 1, 12.

[93] 1Co 12, 13.

[94] Mt 12, 35.

[95] cf. 1Co 10, 17.

[96] Gl 3, 28.

[97] cf. Jo 1, 14.

[98] cf. Ef 4, 15.

[99] Sl 4, 5; Ef 4, 26.

[100] Est 14, 13.

[101] Sir 6, 17.

[102] Sir 6, 15.

[103] Santo Agostinho, De Civitate Dei, I, c. 35.

[104] Tg 1, 8: «aquele que hesita é de espírito indeciso e inconstante em tudo».

[105] Sl 118, 8.

[106] Mt 20, 7.

[107] cf. Jo 6, 35.

[108] Antonio Machado, Campos de Castilla, «Proverbios y cantares», XXIX.

[109] 2Co 4, 1-6.

[110] Tg 5, 16.

[111] 1Ts 5, 5.

[112] 2Co 7, 4.

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2026

www.opusdei.pt

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos